

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIANA DANTAS SOUZA

**HISTÓRIA ORAL DE VIDA: PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA FAGED/UFAM ORIUNDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS EM RELAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR**

MANAUS – AM

2023

MARIANA DANTAS SOUZA

**HISTÓRIA ORAL DE VIDA: PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA FACED/UFAM ORIUNDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS EM RELAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas como requisito obrigatório à obtenção de nota para conclusão do curso, sob orientação do Prof. Dr. Claudio Gomes da Victoria.

Orientador: Prof Dr Claudio Gomes da Victoria

MANAUS – AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729h	<p>Souza, Mariana Dantas</p> <p>História oral de vida: percepção dos estudantes do curso de pedagogia da FACED/UFAM oriundos da educação de jovens e adultos em relação ao ensino superior / Mariana Dantas Souza . 2023</p> <p>59 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientador: Claudio Gomes da Victoria</p> <p>TCC de Graduação (Pedagogia) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Ensino Superior. 3. Trajetória Escolar. 4. História Oral. I. Victoria, Claudio Gomes da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, minha família e a Mayra Souza. Sem eles essas palavras não teriam sido escritas.

E em especial à minha amiga Daniella Magnani que deve estar comemorando essa minha conquista como se fosse dela.

*O que mata um jardim não é o abandono.
O que mata um jardim é esse olhar de quem por ele passa indiferente...*

Mario Quintana.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a percepção de estudantes oriundos da Educação de Jovens e Adultos em relação ao Ensino Superior. A proposta do trabalho é identificar os fatores que influenciaram suas trajetórias durante a Educação Básica e de que maneira refletiram na forma que esses estudantes enxergavam e compreendiam o Ensino Superior. Nossa abordagem é qualitativa, a metodologia escolhida se fundamenta na História Oral, utilizando-se da narrativa de dois discentes do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas para compreender os condicionantes que interferiram nas suas percepções relacionadas ao Ensino Superior. A justificativa se fundamenta na reflexão da relação entre a modalidade de educação da Educação de Jovens e Adultos e o Ensino Superior, para compreender de que forma esses níveis de ensino confabulam. Através das entrevistas buscamos encontrar os elementos que fossem de encontro ao objetivo da pesquisa, abarcando, com isso, outros fatores: o contexto e o perfil social desses estudantes, dificuldades enfrentadas durante suas trajetórias escolares, formas de incentivo, entre outros. Foi preciso conhecer suas trajetórias para compreender os fatores sociais que emergiram durante a entrevista, que apesar de divergentes, foi de encontro ao objetivo central da pesquisa. Concluímos essa pesquisa considerando os inúmeros fatores que influenciam a vida desse estudante oriundo da EJA até o ingresso no ES, sejam esses fatores internos, como a baixa autoestima, questões familiares, até os externos como a falta de incentivo das próprias instituições de ensino quando se trata de dar continuidade aos estudos com o acesso a uma universidade.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Ensino Superior; Trajetória Escolar; História Oral.

ABSTRACT

The object of this research is the perception of students from Youth and Adult Education in relation to Higher Education. The purpose of this work is to identify the factors that influenced their trajectories during Basic Education and how they reflected in the way these students saw and understood Higher Education. Our approach is qualitative, the methodology chosen is based on Oral History, using the narrative of two students of the Pedagogy Course at the Faculty of Education of the Federal University of Amazonas to understand the constraints that interfered in their perceptions related to Higher Education. The justification is based on reflection on the relationship between the education modality of Youth and Adult Education and Higher Education, in order to understand how these stages of teaching work together. Through the interviews, we sought to find the elements that were in line with the research objective, including other factors: the context and social profile of these students, difficulties faced during their school careers, forms of incentive, among others. It was necessary to know their trajectories in order to understand the social factors that emerged during the interview, which, despite being divergent, was in line with the central objective of the research. We concluded this research considering the countless factors that influence the life of this student from the EJA until the entry into ES, whether these are internal factors, such as low self-esteem, family issues, or even external factors such as the lack of encouragement from the educational institutions themselves when it's about giving continuity to studies within a university.

Keywords: Education of Young People and Adults; Higher education; School Trajectory; Oral History.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Fotografia da parede no IFCHS/UFAM com o grafite escrito “Olha pro Céu”..	10
Imagem 2 – Fotografia de um dos corredores da UFAM/IFCHS	14
Imagem 3 – Fotografia do teto da sala de aula da UFAM com um caminho feito por cupins.	19
Imagem 4 – S/N - Arte de Arthut Vergani	25
Imagem 5 – Fotografia do entardecer no MiniCampus na UFAM.....	38
Imagem 6 – Fotografia do corredor da coordenação da FACED.	51
Figura 7 – Folder informativo com orientações para ingressar no ES	56
Figura 8 – Plano de Ação realizado no CEJA Professor Agenor Ferreira Lima.....	57

SUMÁRIO

1 O OLHAR	11
2 O COMPREENDER	15
2.1 O ENTENDER	15
2.2 O CAMINHAR	20
2.3 O OUVIR.....	25
ATÉ ONDE O SONHO TE LEVA	27
ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA	33
3 OS PONTOS DE VISTAS	39
4 OLHAR ADIANTE	53
5 REFERÊNCIAS	58



Imagem 1 – Fotografia da parede no IFCHS/UFAM com o grafite escrito “Olha pro Céu”. – Mariana D. Souza (2019)

1 O OLHAR

*Vi sempre o mundo independentemente de mim.
Por trás disso estavam as minhas sensações vivíssimas,
Mas isso era outro mundo.
Fernando Pessoa.*

Dentre todos os sentidos do corpo humano o olhar é aquele que apreende o que vemos, porém olhar nem sempre é perceber. Ter a percepção de algo envolve uma representação mais ampla, não apenas do tipo visual, mas também auditiva, tátil, olfativa, gustativa, musical, social, sensorial, extrassensorial, dentre outras. Buscando, por exemplo, o significado e origem da palavra “percepção” encontraremos diferentes respostas, podendo ser compreendida do ponto de vista biológico, filosófico e psicológico, passando por processos mentais que envolvem a memória, consciência, e por fatores externos, sociais e cognitivos que influenciam na maneira que enxergamos a realidade.

Nesse contexto, o tema da pesquisa ora apresentada, realizada sob orientação do Professor Claudio Gomes da Victoria, decorre da percepção de estudantes de Pedagogia da UFAM sobre o universo acadêmico enquanto egressos da EJA. Estatísticas oficiais e pesquisas sobre o tema apontam para um baixo percentual de alunos oriundos da EJA que conseguem acessar o Ensino Superior. São diversos os fatores e condicionantes mostrados e analisados para explicar porque isso ocorre. Diante dessa realidade, conhecer as experiências e impressões relatadas por alunos oriundos da EJA, nos ajuda a compreender esse fenômeno de um ponto de vista social e pessoal dessas questões. Ensejamos, a partir dos relatos advindos das trajetórias de vida desses estudantes, que agora são colaboradores da nossa pesquisa, conhecer os fatores que influenciaram nas suas percepções em relação ao Ensino Superior durante o período escolar, quais eram suas expectativas, suas inquietações, quais eram seus medos e seus sentimentos, e de que forma esses fatores ainda refletem e são percebidos após o ingresso na universidade.

O interesse pelo tema surgiu durante as experiências de estágios do curso de pedagogia, em especial no ano de 2019, quando tive oportunidade de auxiliar e mediar atividades de uma turma de estudantes da Educação de Jovens e Adultos Especial em uma escola municipal do Amazonas. O convívio com jovens estudantes, com idades entre 19 a 25 anos, que estavam sendo alfabetizados, possibilitou perceber os detalhes desse processo e suas dificuldades. Nesse contexto surgiram as primeiras perguntas em relação à educação como

formação integral de um cidadão emancipado, crítico, autônomo e humanizado. Ter a ideia de que a educação transforma vidas diariamente foi apenas o começo, hoje entendo a educação como um ato de luta e resistência diária, por esse motivo, ainda que haja uma diversidade de pesquisas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos acreditamos que ainda há muito para compreender dentro desse universo. Dessa forma a pesquisa busca contribuir para as discussões relacionadas ao campo da EJA e do Ensino Superior, auxiliando na identificação e compreensão de condicionantes relacionados ao contexto e perfil dos estudantes que podem ou não interferir na escolha e perspectiva de ingressarem na universidade e de que maneira esses níveis de ensino se comunicam.

O caminho metodológico escolhido para a realização da pesquisa foi pensado a partir das trajetórias de vida dos discentes. Considerando que os principais aspectos de interesse deste estudo são de cunho subjetivo, seguiremos uma abordagem qualitativa com ênfase na metodologia da História Oral. Que segundo Gil (1987), uma pesquisa qualitativa é a forma de pesquisa que se mostra mais adequada à compreensão de fenômenos sociais devido aos seus aspectos intangíveis e de difícil mensuração quantitativa, como inteligência, emoções e atitudes.

Nesse sentido a História Oral segundo Meihe (2002, p. 14) se coloca como “uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em escritos”. Portanto, a história oral permite apreender dados não registrados em documentos, sejam os pequenos detalhes da trajetória de um indivíduo, até as percepções de cada pessoa sobre determinado assunto, isso porque está focada no sujeito (MARZOCHI, 2013).

Para a busca dos participantes foi feito um convite em todas as turmas de Pedagogia da Faculdade de Educação do Amazonas – FACED, a fim de identificar os alunos que tinham frequentado a EJA durante sua trajetória de vida escolar. Considerando o reduzido número de discentes que atendiam a esse critério, a previsão inicial foi de realizar quatro entrevistas, mas somente dois voluntários se apresentaram.

Para a coleta de dados utilizamos procedimentos e instrumentos dentro do que a História Oral poderia nos possibilitar procedimentos esses que perpassam por etapas que segundo Meihe (2002, p. 76) “são principais e nítidas, ainda que apenas eventualmente complementares: 1) elaboração do projeto; 2) gravação; 3) confecção do documento escrito; e 4) sua eventual análise”. Tendo a entrevista como principal ferramenta para conhecer e explorar a trajetória de vida desses estudantes, precisamos entender primeiro as condições que essas entrevistas aconteceriam, para isso Meihe (2002) explica que:

Um projeto de história oral implica em uma série de decisões sobre as circunstâncias das entrevistas. Assim, deve-se especificar se elas terão ou não estímulos, se serão únicas ou variadas, qual será o número de horas de gravações, onde serão realizadas e se as narrativas decorrentes serão livres ou estruturadas. (MEIHE, 2002, p. 79)

Seguindo a metodologia, após a entrevista foram realizadas a transcrição literal e textualização das entrevistas e, finalmente, desenvolvido o processo de transcrição.

Salientamos que para nos aproximar do objetivo da nossa pesquisa foi feito um levantamento dos materiais, onde buscamos documentos, pesquisas, teses, dissertações e monografias através do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, do Portal da Associação Nacional da Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Amazonas – SISTEBIB, com intuito de identificar e compreender os principais aspectos analisados durante esse processo. Após a leitura prévia dos materiais, selecionamos aqueles que se fizeram necessários para contribuir com a investigação dos conceitos de Educação de Jovens e Adultos; Ensino Superior; Relação EJA - ES. Bem como a leitura de autores como MEIHE (2002), GIL (1987), HADDAD; DI PIERRO (2000), BISSINELA (2016), ARAÚJO (2013), MARZOCHI (2013), RUMMERT (2007), entre outros.

Diante desses aspectos iniciamos nosso trabalho com o capítulo dois O COMPREENDER, apresentamos no subtítulo O ENTENDER uma contextualização e evolução da Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação Básica no Brasil até o encontro com o ingresso ao Ensino Superior. Dentro desse mesmo capítulo com o subtítulo O CAMINHAR será descrito o caminho metodológico percorrido durante o trabalho, as percepções, as direções que tomamos diante das adversidades até a conclusão da pesquisa e prosseguimos com o subtítulo O OUVIR, onde trazemos as transcrições dos relatos dos colaboradores, intitulados em ATÉ ONDE O SONHO TE LEVA e ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA.

No terceiro capítulo OS PONTOS DE VISTAS, analisamos os elementos que emergiram a partir das narrativas dos colaboradores, que correspondem à questão inicial da pesquisa. E por fim, concluímos o trabalho no capítulo OLHAR ADIANTE com nossas considerações finais, buscando esclarecer o objetivo central da nossa pesquisa e colaborar com discussões relacionadas ao tema, nesse mesmo capítulo apresentamos o Plano de Ação desenvolvido pelo grupo de discentes na disciplina de Estágio Supervisionado em Gestão Escolar, onde propomos um trabalho dentro de um Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA estadual, que vai de acordo com a pesquisa ora apresentada.



Imagem 2 – Fotografia de um dos corredores da UFAM/IFCHS – Mariana D. Souza (2019)

2 O COMPREENDER

2.1 O ENTENDER

A Educação de Jovens e Adultos, nos moldes que conhecemos hoje, tem sua origem referenciada em legislações e políticas públicas do início do século XX e seu marco legal como modalidade de ensino em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. Mas se traçarmos uma linha do tempo da EJA podemos dizer que ela tem início junto com a própria história da Educação no Brasil, a partir da entrada dos portugueses no atual território brasileiro.

Em princípio, a educação imposta pela coroa portuguesa tinha três objetivos principais: catequização de indígenas, subjugação à cultura portuguesa e formação de mão de obra para atender as necessidades da economia na colônia (KELLER; BECKER, 2020). Nesse ponto, já podemos vislumbrar um dos principais aspectos que acompanham o EJA até os dias de hoje, sendo para muitos o principal, a formação de jovens e adultos para o mercado de trabalho em atenção às demandas da economia do país.

Durante o período imperial, a Constituição de 1824 estabeleceu a instrução primária gratuita a todos os cidadãos, com as províncias encarregadas do que poderíamos chamar de formação básica, ficando a cargo do Império somente a Educação Superior. Em consequência dessa divisão ocorreu uma elitização do ensino, já que as províncias não tinham condições à demanda da maioria mais carente da população, inclusive jovens e adultos (KELLER; BECKER, 2020).

Em 1967 a Constituição Federal estabeleceu a obrigatoriedade da educação até os quatorze anos e criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e a partir daí a Educação de Jovens e Adultos passa a ser regulamentada (KELLER; BECKER, 2020).

Com a Constituição Cidadã de 1988, foi assegurada a oferta da Educação Básica obrigatória e gratuita também para jovens e adultos, conforme consta no Art. 208: “educação básica obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”.

Em 1996, com o advento da LDBEN nº 9394/96 foi destinado um capítulo para tratar especificamente da EJA. Segundo Keller e Becker (2020) os índices educacionais da época, levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicavam que 14,7% da população brasileira não eram alfabetizadas e os índices de exclusão escolar, repetência e defasagem idade-série eram igualmente elevados.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi instituída legalmente no Brasil como modalidade de ensino, fundamental e médio, em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 (BRASIL, 1996), destinada àqueles que não estudaram na idade escolar própria, em atendimento à demanda de jovens e adultos analfabetos, à baixa taxa de escolaridade e ao atraso escolar, cujos índices, historicamente, compõem a realidade educacional do nosso país. (KELLER; BECKER, 2020)

Para alguns autores, a existência da EJA e sua relevância no contexto educacional do país indicam que as políticas públicas, programas e ações para erradicar o analfabetismo e garantir o ensino a todos os brasileiros, implementados ao longo de nossa história, não conseguiram atingir seus objetivos. Para Araújo (2016, p. 145) "se existe a necessidade de uma modalidade de educação para os jovens e adultos, reconhece-se que o país não tem dado conta de escolarizar as suas crianças e adolescentes.”.

A preocupação com a erradicação do analfabetismo sempre esteve relacionada com questões econômicas, buscando capacitar os cidadãos para atender demandas do mercado trabalho e melhorar suas condições de vida. Dessa forma, a EJA possibilita melhor qualidade de vida a jovens e adultos que não conseguiram concluir os estudos na idade própria, seja para fins profissionais ou pessoais (BISINELLA, 2016).

Para contribuir com o debate acerca das funções da EJA, Araújo (2016, p.30) afirma que ao longo do processo de consolidação, a EJA respondeu, em suas finalidades, as mais diversas funções políticas da história. Ainda com o nome de Educação de Adultos, Ensino Supletivo, Mobral e tantos outros programas, projetos e campanhas. O autor relembra o caráter compensatório que a EJA representa:

A EJA tem se apresentado como escanaro do processo de exclusão do sistema de ensino do nosso país, é o reconhecimento de que o Estado não tem dado conta do seu papel, seja do ponto de vista da oferta da educação, seja do ponto de vista de criar condições de acesso a ela. (ARAÚJO, 2016, p. 145)

De acordo com os dados coletados até 2021 há um quadro de retrocesso em quase metade das vinte metas previstas no PNE, com apenas cinco parcialmente cumpridas e possibilidade de serem atingidas no prazo previsto. Em relação à meta nove, embora a taxa de alfabetização venha crescendo, dificilmente o objetivo de erradicar o analfabetismo até 2024 será cumprido, muito menos o de reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional, que ao invés de regredir vem aumentando.

Ainda segundo o Balanço do PNE (2022), a pandemia de COVID-19 trouxe muitos impactos nas metas estabelecidas no PNE, dentre eles a redução no percentual de jovens que conseguiram concluir o ensino fundamental na idade adequada e a queda no índice de matrícula

e frequência ao ensino médio. Desse modo, a pandemia agravou os inúmeros fatores que levam os jovens a se distanciarem da escola durante sua trajetória de vida, tornando a EJA fundamental para suprir demandas de estudantes que tiveram sua vida escolar interrompida.

O retorno a vida escolar pode significar, apesar das dificuldades, uma oportunidade para que jovens e adultos possam recuperar e recompor sua vida dentro das expectativas sociais e, além disso, tenham a possibilidade de olhar para o futuro de uma maneira diferente. Considerando que as turmas de EJA são compostas em sua maioria por uma parte da população historicamente mais afetada pela desigualdade racial, econômica e de gênero, são muitas as dificuldades que a realidade social do país impõe a esses estudantes para concluírem a formação básica e posteriormente conseguirem ingressar no Ensino Superior (ASSIS et al, 2016).

Para traçar um perfil desses estudantes precisamos refletir sobre os moldes da nossa sociedade, onde esses sujeitos estão inseridos e de que maneira sua história de vida pode ter interferido na sua trajetória escolar e alterado sua percepção em relação ao ES. Em sua tese Araújo (2016, p. 106) alerta que o número de jovens e adultos hoje, no Brasil, que não concluíram a Educação Básica, apesar de ter, ao longo dos últimos tempos, diminuído, ainda é muito significativo, e segue afirmando que:

Esse grande número de jovens e adultos que se encontra na condição de não concluinte da educação básica é composto por duas categorias: jovens e adultos que nunca frequentaram a escola; e jovens e adultos que iniciaram um processo de escolarização e, por situações diversas, abandonam as trajetórias escolares. (ARAÚJO, 2016, p. 106)

Bisinella (2016, p. 21) ressalta que o perfil dos alunos da EJA é, na sua maioria, de pessoas de baixa renda, que buscam, por meio do ensino, melhorar suas condições de vida e continua afirmando que o sujeito da EJA já esteve à margem quando abandonou o Ensino regular e que por algum motivo retornou aos bancos escolares na modalidade EJA. Esse motivo pode ser codificado em projeto de futuro.

Os estudantes que procuram o Ensino Superior como opção, ou meio de realização pessoal, buscam melhorar sua realidade através da conclusão dos estudos, na sua pesquisa, Araújo e Farias (2013, p. 41) se referem aos seguintes aspectos como as principais motivações para cursar o ensino superior: ascender economicamente, oportunidade no mercado de trabalho, adquirir conhecimento, valorização pessoal, formação e inclusão social.

A EJA é vista como uma oportunidade para os sujeitos das classes populares que não tiveram condições de escolarização na idade própria, no seu tempo ideal, e objetivando a formação de sujeitos mais críticos, libertadores e emancipadores, dentro do processo de formação. E que tal processo

proporciona mudanças e transformações futuras em sua vida. (ARAÚJO; FARIAS; 2013, p. 40)

Segundo Santos (2019), considerando que obter o diploma de graduação tenha o potencial de mudar a vida das pessoas e que a formação superior seja orientada para jovens entre 18 e 24 anos, de preferência com trajetórias de escolarização no ensino regular, é importante compreender os sentidos da vivência de ser estudante adulto no Ensino Superior. Bisinella (2016, p. 62) comenta em sua tese sobre a democratização do acesso ao Ensino Superior partir da LDB e também destaca a necessidade de entender as configurações e discutir as diversas condicionantes que envolvem esse acesso.

Para efetivação das políticas públicas de ampliação do acesso ao ES foram criados alguns programas e ações, dentre os quais se destacam: Programa Universidade para Todos (PROUNI), Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), Políticas de Cotas, Financiamento Estudantil (FIES) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU). Em sua tese Da Cruz (2016) destaca que esse cenário de expansão tem provocado uma série de debates e pesquisas, visto que ainda há muito que se discutir e a ser evidenciada sobre políticas de acesso de estudantes a margem da sociedade ao Ensino Superior e sobre os diversos fatores relacionados a essa maior acessibilidade, ou não, dos estudantes egressos da EJA.

Embora a institucionalização da EJA tenha facilitado o acesso ao Ensino Superior para jovens e adultos que tiveram dificuldades na trajetória escolar, para Keller e Becker (2020), “ainda há muito para avançar no atendimento das diferentes necessidades de aprendizagens e, dessa forma, consolidar a oferta de educação de qualidade para todos”.



Imagem 3 – Fotografia do teto da sala de aula da UFAM com um caminho feito por cupins. Fonte: Acervo da autora (2019)

2.2 O CAMINHAR

*Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei, nem pergunto.*

*Enquanto vou na estrada antes da curva
Só olho para a estrada antes da curva,
Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.*

*De nada me serviria estar olhando para outro lado
E para aquilo que não vejo.*

*Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.*

Fernando Pessoa

O curso de Pedagogia na UFAM possui uma grade curricular composta por quatro disciplinas voltadas para a orientação de Trabalho Final, fazendo com que o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC tenha início e fim nas disciplinas: Projeto de Pesquisa em Educação; Orientação de Trabalho Final I; Orientação de Trabalho Final II e Seminário de Trabalho Final. Nesse contexto esse trabalho possui um caminho que compreende aos últimos quatro semestres do curso, dando início no projeto de pesquisa com o tema: “Expectativas de estudantes oriundos da Educação de Jovens e Adultos em relação ao Ensino Superior”, traçamos como objetivo geral do projeto: compreender a percepção que estudantes do curso de Pedagogia Plena da FACED/UFAM oriundos da Educação de Jovens e Adultos apresentam sobre o Ensino Superior, seguindo com os objetivos específicos: conhecer a trajetória de vida escolar dos estudantes; identificar os principais elementos que refletiram na percepção dos estudantes em relação ao ensino superior e compreender a relação entre a EJA e o ES.

Os primeiros passos da nossa caminhada em direção aos objetivos do projeto foram dados no sentido de buscar dentro da instituição alunos que estivessem em consonância com a metodologia da nossa pesquisa. Desse modo, demos início a uma programação que nos levasse a encontrar estudantes egressos da EJA matriculados no curso de Pedagogia da FACED. Os mecanismos de busca que utilizamos tiveram início com conversas informais com colegas do curso, momento em que tomamos conhecimento de uma aluna com o perfil necessário para colaborar com a pesquisa, a qual após entrarmos em contato fazendo um convite informal, aceitou de imediato.

Prosseguimos com a formulação de uma carta/convite que seria entregue em todas as turmas de pedagogia, até esse momento tínhamos a pretensão de encontrar no máximo o total de quatro discentes para fazer parte do projeto. Em cada turma foi explicada a intenção da pesquisa e deixamos a disposição nossos e-mails para que entrassem em contato conosco, porém apenas uma discente entrou em contato indicando um colega com o perfil que procurávamos. Em maio de 2022 entrei em contato com o discente Willians via *Whatsapp*, enviei o formulário com as informações sobre o projeto e ele aceitou participar da pesquisa.

O próximo passo seria marcar um encontro no próprio campus para ambientação e logo depois realizar as entrevistas, foi então que a primeira colaboradora comunicou que não poderia mais participar, pois estava em processo de transferência da faculdade por estar de mudança da cidade. Nesse mesmo período não conseguimos mais fazer contato com o outro discente que havia aceitado participar, e mesmo depois de diversas tentativas não tivemos resposta.

Conseguir estudantes que pudessem participar da pesquisa tinha ocorrido conforme o esperado até aquele momento, mas quando nos vimos na situação de não ter mais o contato com os discentes que já haviam aceitado participar é impossível não lembrar a frustração que sentimos, sobretudo porque durante a busca de estudantes que pudessem contribuir com o trabalho nos deparamos com a realidade dentro do próprio campo de pesquisa que delimitamos compreendido na dificuldade de encontrar alunos egressos do EJA matriculados no curso de Pedagogia pela FACED/UFAM. Nesse sentido, como nossa primeira tentativa de busca não tivemos o retorno que esperávamos, procuramos pensar em outras formas para encontrar esses estudantes, tarefa que temos que confessar, se tornou uma das mais difíceis durante todo o processo da pesquisa, em alguns momentos parecia que não tínhamos alternativas. Mas apesar da adversidade apresentada durante o desenvolvimento da pesquisa demos continuidade nos planos e cronograma do trabalho.

Como nosso intuito de trabalhar com a metodologia da História Oral com os discentes não teve êxito até aquele momento, buscamos maneiras de reformular o roteiro da nossa pesquisa. Demos prioridade a busca e revisão literária de trabalhos que abordassem o tema e relatassem as adversidades de se encontrar esse perfil de alunos dentro da universidade, buscando nas entrevistas, narrativas e resultados encontrados nessas pesquisas as respostas em direção ao nosso objetivo, com isso demos andamento na fundamentação teórica do trabalho. Durante esse tempo, com ajuda do professor Claudio, que sempre buscou incentivar e demonstrar confiança de que teríamos sucesso, permanecemos na busca de alternativas que nos levasse ao encontro de novos colaboradores mesmo faltando apenas um semestre para finalizar o trabalho. Felizmente, durante o Estágio Supervisionado consegui restabelecer o contato com

o Willians e encontrar uma nova aluna que poderia ser entrevistada, graças a ajuda de colegas e indicação da professora Dr^a Edla Rodrigues, supervisora na disciplina de Estágio em Gestão da Educação.

Destacamos aqui que os estudantes que participaram da pesquisa receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constam todas as informações o uso da entrevista que iriam conceder inclusive que os mesmos poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento e se desejassem suas identidades seriam preservadas, usando nomes fictícios, ambos assinaram. Nesse caso o trabalho com a História Oral de vida, Meihe (2002, p. 14) ressalta que “os entrevistados são as pessoas ouvidas em um projeto e devem ser reconhecidos como colaboradores”.

Ainda que a entrevista seja a principal ferramenta, convém reiterar que a história oral “se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem ao seu modo, mais eficiente será seu depoimento.” (MEIHE, p. 51). Por esse motivo nos dias anteriores às entrevistas, houve uma preparação prévia orientada pelo professor Claudio, e relendo alguns capítulos do manual de Historia Oral do professor Meihe.

Sobre isso, Marzochi (2013) ressalta que:

Este tipo de entrevista não necessita de muitas perguntas, por não ser um questionário ou interrogatório sobre a vida do colaborador, mas apenas perguntas abertas, que possibilitem a ele relatar sua história da melhor maneira para si. Neste caso, durante a entrevista, o papel principal do pesquisador é saber ouvir e estimular a fala do entrevistado. (MARZOCHI, 2013, p. 100)

Mesmo sendo uma entrevista planejada para ser realizada de maneira livre, ela partia de uma pergunta norteadora: “Como foi sua trajetória de vida escolar até chegar aqui na universidade sendo egresso da EJA?”. Uma pergunta norteadora que permitia que os colaboradores se sentissem livres para dialogar, de forma que os elementos emergissem de forma natural.

Na preparação para a gravação da entrevista com o colaborador Willians, como seria via *Google Meet*, foi feita uma busca por aplicativos de gravação gratuito, nessa busca optamos pelo aplicativo chamado *Bandicam*, que possibilitava gravar vídeos com duração de 10 minutos cada, por esse motivo, durante a entrevista houve algumas interrupções de gravação, mas nada que nos atrapalhasse ouvir e registrar a história do nosso colaborador. No dia da entrevista, apesar do nervosismo, o colaborador teve uma fala bem consistente e pelo som da voz parecia tranquilo, isso fez com que me sentisse acolhida. Durante a entrevista, por sermos colegas de

curso, acabamos por compartilhar nossas experiências e percepções sobre o nosso curso, tendo uma conversa proveitosa, onde fomos ficando cada vez mais a vontade para dividirmos opiniões e reflexões a cerca do que envolve a formação dos professores.

No caso da preparação para a entrevista com a Valcilen, baixei um aplicativo de gravador de som no próprio celular, no dia marcamos um encontro na UFAM, durante o intervalo do almoço, escolhemos juntas uma sala de aula vazia para ficarmos a vontade e sem interrupções de sons e outras pessoas falando. Na entrevista com a Valcilen estava menos nervosa devido a felicidade que era maior, lembro-me que enquanto eu mostrava o termo de consentimento ela me perguntou se já podia começar a falar, fiquei feliz em saber que ela queria compartilhar sua história conosco. Ao finalizar a entrevista meu sentimento era de empatia e admiração por Valcilen, por sua história de vida, suas dificuldades e a capacidade de superação durante a trajetória escolar.

Durante esse processo de entrevistas salientamos que: 1) no caso da nossa pesquisa os entrevistados permitiram que os nomes reais fossem utilizados; 2) como encontramos os estudantes para realizar as entrevistas na reta final do curso as entrevistas foram realizadas no período de maio e junho de 2023; 3) além de possuírem histórias bem distintas, as entrevistas também foram feitas de maneiras bem diferentes, nesse sentido, para Matos e Senna (2011), a História Oral pode facilitar o registro de memórias pessoais das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa, permitindo a transmissão do conhecimento de forma diferenciada. Portanto, essa metodologia nos possibilita trabalhar de forma dinâmica e criativa a fim de responder as questões sociais trazidas durante a pesquisa.

Após a coleta das entrevistas, o próximo passo dado foi trabalhar com todo o arquivo gravado. A metodologia da História Oral trabalha com três passos durante o processo de mudança da oralidade para a forma escrita, sendo eles: 1) transcrição literal; 2) textualização e por fim 3) a transcrição. Vale ressaltar que todo esse processo requer do autor paciência, atenção, criatividade e fluidez para transformar narrativas orais em código escrito, e por ser minha primeira experiência com essa metodologia, me senti desafiada, mas durante o processo fui me identificando e hoje me sinto apaixonada pela metodologia.

Sob orientação do professor Claudio e alguns estudos, demos início com a transcrição literal de todo o conteúdo gravado. Para esse processo Meihe (2002, p. 170) conta que “importante como todas as etapas do processo de história oral a transcrição é o processo de mudança do estágio da gravação oral para o código escrito”. Portanto, esse passo da metodologia é um passo que demanda muita atenção e paciência do autor, visto que uma gravação de 40 minutos se transforma em quase três horas de transcrição literal, já que temos

que incluir todos os detalhes, como por exemplo, os ruídos, interrupções, os erros de linguagem, tudo que foi dito de forma literal. Segundo Marzochi (2013, p. 100) “a transcrição é a passagem do oral para o escrito, é a transformação da fala do colaborador num texto registrando todos os vícios de linguagem da forma oral, sem alterar a fala”. Nesse passo, recordo que enquanto digitava o que ouvia parecia estar escrevendo um livro de Saramago, a transcrição literal apesar de ser uma etapa que exige paciência não foi das mais difíceis.

Após a transcrição literal o passo seguinte é o da textualização, onde precisamos “limpar” o texto, integrando as perguntas nas respostas dos colaboradores, melhorando a estética do texto, retirando os erros gramaticais, repetições, etc. Tendo por fim um texto mais claro e conciso, para Meihe (2002, p. 173) “o texto passa, pois, a ser predominantemente do narrador”. E por último, o passo utilizado na metodologia da história oral trabalhada na perspectiva do Núcleo de Estudos de História Oral – NEHO/USP é a transcrição.

A transcrição é o processo que possibilita acrescentar elementos a partir da percepção do pesquisador, uma vez que para a metodologia da história oral é impossível pensar que a mera transcrição e textualização traduzam tudo o que se passou na situação do encontro.

É o momento do pesquisador se colocar também no texto que está sendo escrito, é o encontro das experiências do colaborador com as do pesquisador, e deste encontro nasce uma narrativa, baseada no que foi percebido durante todos os processos. (MARZOCHI, 2013, p. 100).

Durante o processo de transcrição recordo que foi como quebrar uma parede dentro da minha cabeça, por se tratar de um texto narrativo é necessário deixar um pouco o mecanismo de um trabalho puramente científico de lado para pensar de forma mais fluída, Meihe (2002) explica o processo de transcrição dessa forma:

Evocando pressupostos da tradução, a transcrição se compromete a ser um texto recriado em sua plenitude. Com isso afirma-se que há interferência do autor no texto, que ele foi refeito várias vezes e que tudo deve obedecer a acertos com o colaborador, que vai legitimar o texto. (MEIHE, 2002, p. 173)

Nesse processo de transcrição o professor Claudio orientava sempre que fosse feito de forma mais ousada possível, a fim de desenvolver um texto mais discorrido. E o resultado desse processo que será apresentado a seguir.

2.3 O OUVIR

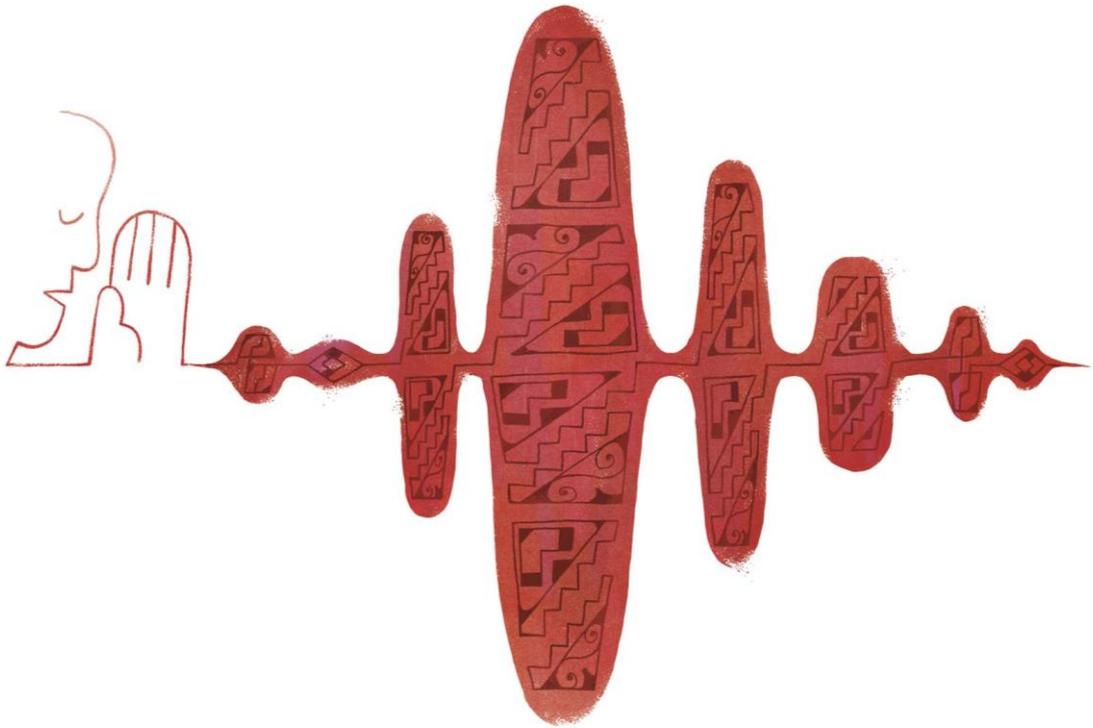


Imagem 4 – S/N - Arte de Arthut Vergani

WILLIANS DOUGLAS SANTOS DE LIMA

*Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida. – Milton Nascimento.*

Assim apresento minha história com o Willians, que começou por indicação de uma amiga dele que passou seu contato e assim que ela falou sobre ele mandei uma mensagem via *Whatsapp*, em maio de 2022. Começamos a conversar sobre a pesquisa, onde enviei as informações sobre o projeto, ele se interessou e se disponibilizou para a pesquisa de primeira, tanto que em seguida enviei o documento de consentimento para que ele pudesse ler previamente. Já estávamos acertando o encontro para a entrevista, que seria feita no mês de agosto, mas desde então ele não retornou mais as ligações e não respondeu as mensagens. Mesmo assim não desistimos, tentei entrar em contato com ele em outubro, mas novamente não tive retorno.

Na virada do ano lembro-me de estar triste por não ter ninguém para dar continuidade na pesquisa, com esse sentimento iniciei as minhas disciplinas do décimo e último período do curso: Seminário de Trabalho Final e o Estágio Supervisionado em Gestão da Educação. Enquanto isso, seguimos o cronograma da pesquisa, até que durante uma conversa, com o grupo de discentes da disciplina Estágio Supervisionado sobre a temática da pesquisa que estávamos realizando, ao comentar que tinha perdido contato com o Willians, um colega do grupo disse que o conhecia e tinha uma relação próxima, então poderia intermediar para que retomássemos as conversas. Nunca vou esquecer a minha felicidade quando soube que poderia ter a possibilidade de falar com ele novamente, fico feliz até hoje quando escrevo. E finalmente deu certo, a partir desse momento consegui novamente falar com, foi quando ele explicou que devido a um acidente que havia sofrido estava em processo de recuperação e não teria mobilidade para um encontro presencial, por esse motivo decidimos fazer a entrevista por meio do *Google Meet*.

Fizemos a entrevista, e ainda que eu não tenha o conhecido pessoalmente, me identifiquei de primeira, talvez por esse motivo durante a entrevista pareceu que estávamos numa conversa informal. Além de extremamente grata, saí da entrevista com os olhos brilhando novamente. E feliz por finalmente encontrar alguém para dar continuidade a minha pesquisa.

ATÉ ONDE O SONHO TE LEVA

Meu nome é Willians Douglas Santos de Lima e sou finalista do curso de pedagogia na UFAM. Minha experiência com a EJA aconteceu devido a uma situação especial e particular, quando criança eu tive que interromper os estudos por ter contraído meningite e quando tentei retornar não fui aceito nas escolas que eu e minha mãe tínhamos interesse, então decidimos que seria melhor parar de estudar por um tempo. Na época, eu tinha oito anos e estava no 2º ano do Ensino Fundamental.

Depois de três a quatro anos sem estudar um amigo e a mãe dele me falaram sobre o Projeto Avançar que funcionava numa escola próxima da minha casa, eu me interessei e foi ali que reiniciei minha jornada na Educação Básica. Nesse período eu fiz o avançar I e II, e fui para o 6º ano com treze para quatorze anos, e por conta da minha idade e da minha estatura física, eu lembro que me chamaram na direção para dizer que eu não poderia permanecer e que eu teria que achar uma escola que atendesse a minha idade no ano que eu estava, porque eles não tinham suporte para essa demanda. A única saída que eu e minha mãe vimos foi na Educação de Jovens e Adultos e foi nesse contexto que minha trajetória na EJA se iniciou.

Lembro que próximo a minha residência eu olhava algumas pessoas passando a noite para ir para a escola, todos fardados... Então eu fui até essa escola junto com a minha mãe, conversamos com a gestão, com o pedagógico e a escola me abraçou e me acolheu. Fiquei lá dois anos, compreendendo os anos Finais do 6º ao 9º. Saí com dezesseis para dezessete anos da EJA, já com uma compreensão do que viria depois do Ensino Médio, um vestibular, para uma possível porta de entrada para a universidade.

Quando concluí o 9º ano pensei em continuar o Ensino Médio na EJA, mas conversando com um amigo ele me disse que eu tinha idade para ir para o ensino regular, fazer o primeiro, segundo e terceiro ano seriado, sem precisar fazer EJA. Analisei e decidi pedir transferência para outra escola e dar continuidade nos estudos seriados e não mais na modalidade da EJA.

No início foi um grande impacto, porque a adaptação depende muito da percepção do professor, da postura que ele tem com o aluno egresso da EJA, isso é um fato. Para deixar bem claro... Eu tive um déficit muito grande porque alguns professores da EJA não tinham compromisso ético e sério com a educação, não tinham o compromisso de dar aula corretamente. Tive que correr atrás sozinho, estudando, assistindo vídeo aula, pegando material com professores... Eu nunca fiz cursinho, para não dizer que não fiz nada, eu fiz uma oficina de redação e fui buscando por conta própria. Acompanhava a divulgação de editais, processos

seletivos relacionados as universidades públicas através das redes sociais, eu sempre fui engajado no *Instagram*, sempre fui muito inteirado e sempre segui todas essas instituições.

Eu lembro que na escola tinham algumas divulgações, mas poucos eram os alunos que se interessavam, essa é a grande verdade. A grande maioria fazia, mas não sabia de fato como era o processo... Não liam o edital. Tinham oficinas na escola onde eu estudava, mas era algo muito pontual, ou relacionado à língua portuguesa e matemática e sempre de forma muito bancária, sabe? “É isso que vocês têm que aprender e pronto”.

Eu não tinha conhecimento do mundo acadêmico como eu tenho hoje, mas lembro de ser algo que eu queria muito. Muito por conta da minha família. Eu sou o primeiro a adentrar ao espaço acadêmico! Então eu queria dar essa satisfação, sobretudo para minha mãe. E eu sempre fui muito curioso nesse sentido, então eu já tinha uma dimensão que existia um vestibular, que existiam portas de entrada para as universidades, mas ainda não tinha lido um edital, por exemplo, não sabia como era o certame, que era triênio no caso do PSC e SIS, eu não sabia como era exatamente o ENEM, aquela prova absurda, hoje eu acho até engraçado.

Também no Ensino Médio tive a oportunidade de fazer meu primeiro estágio, quando pude ampliar minha visão de mundo, da cidade... Porque a minha percepção era muito limitada ao meu núcleo familiar. Nessa época eu comecei a pensar em uma possível entrada na universidade, e buscando me identificar cheguei a cogitar alguns cursos, aqueles ditos como mais elitistas, como por exemplo, medicina, direito. Foi quando eu parei para analisar meu perfil como ser humano.

Desde muito pequeno sempre tive uma interação com o pedagógico e com a gestão das escolas que eu passei. No Ensino Médio, como fui vice-presidente do grêmio escolar, pude conhecer melhor as atividades administrativas e ver mais de perto o jeito que a gestora e a pedagoga trabalhavam, foi quando pensei que era isso que queria pra mim.

Olhando para mim e para minha trajetória de vida eu falei: – Eu vou fazer pedagogia! Contrariando inclusive a família, em casa queriam que eu fizesse Direito. No último período fiz minha inscrição para Pedagogia, e quando saiu o resultado eu vi que tinha passado. Entrei na faculdade por volta de 2018 e desde então estou nessa caminhada por um mundo melhor, por uma educação mais digna, tendo sempre o princípio da qualidade, da equidade.

O entendimento do que a educação poderia me proporcionar ocorreu quando eu estava no Ensino Médio. Eu tive a curiosidade de pesquisar quanto seria em média o salário de um professor de língua portuguesa, de um pedagogo e dentro da minha realidade eu pensei que valeria a pena se submeter ao processo todo até chegar a um determinado ponto.

Eu sempre tive que trabalhar, inclusive agora no Ensino Superior, para subsidiar todo meu desenvolvimento acadêmico, e esse é um ponto que eu quero destacar no sentido de valorizar a formação superior. São muitos os estudantes de família pobre ou que estão em vulnerabilidade social e não podem participar, por exemplo, de um projeto de extensão, um PACE, porque as bolsas são limitadas, a triagem é feita por coeficiente, muitos não podem participar de uma Residência porque o valor que pagam não dá retorno, seja no prato do indivíduo ou o retorno financeiro que proporcione uma melhoria de vida.

As bolsas de estágios em instituições particulares e até mesmo públicas não são suficientes para subsidiar o estudante a se manter na universidade, ter dinheiro para tirar as cópias, poder comprar um material melhor para seu próprio uso, seja acadêmico ou profissional. Eu sempre tive essa percepção, através de conversas, de que não é algo que destoa do processo de formação da pessoa, você não está tá se formando só por se formar, sempre tem uma intenção por trás disso. Você não passa cinco anos fazendo medicina para guardar o jaleco no guarda roupa, não. Eu sempre tive uma intenção por trás dessas ações, eu destaquei medicina, mas isso vale para qualquer curso.

Querendo ou não a gente vive em um mundo capitalista, em que você necessita trabalhar para ter. Isso eu sempre tive em mente, e quando eu disse que eu tive que trabalhar desde o Ensino Médio foi por conta disso. Eu tive que estagiar para não evadir a escola, por viver em situação de vulnerabilidade eu não era assistido por uma política assistencial na época, se tinha eu não era incluso, eu não tinha conhecimento. Hoje eu tenho conhecimento que existia o programa Bolsa Família. Mas eu acredito que precise ir além, para de fato oportunizar que esse educando e essa família tenha uma ascensão social.

A gente fala muito sobre a universidade ser pública, mas a gente tem um gasto muito grande na universidade pública, é necessário falar sobre isso, porque ela não é totalmente gratuita como muitos falam, a inserção, o acesso sim, mas a permanência não, e é essa permanência que tem que ser debatida, independentemente de ser dentro da universidade ou da Educação Básica, é necessário ter esse pensamento.

Eu já tive a oportunidade de estar na sala de aula, não apenas no estágio obrigatório, passei um ano sendo mediador pela SEMED e atualmente estou trabalhando na SEDUC, então eu vou para as escolas e percebo isso. Por isso trago mais uma crítica no processo de formação não apenas individual, mas também do professor. O professor é como um espelho para os alunos, porque estamos ali no dia a dia deles, mesmo não fazendo parte da família, fazemos parte do núcleo social desse aluno. O que pudermos fazer para mostrar os melhores caminhos faz parte da nossa responsabilidade social, como profissional, como educador e como ser

humano. Eu fico feliz de poder contribuir, porque acredito que isso faz parte da nossa responsabilidade, de fazer o possível para que essas pessoas tenham acesso às universidades, que a comunidade em si, tenha entendimento que é possível ocupar esse espaço. Eu só estou na pedagogia hoje porque muitas pessoas me ajudaram a ter noção de que existe algo maior.

Eu ando na UFAM desde os meus nove anos, porque a mãe de uma amiga tinha uma banquinha no campus, naquela época não existia o CDC, o IFCHS era chamado de ICHL, então eu sou desse tempo, que a gente ia para lá pegar jaca, andar nas trilhas. Mas naquele tempo eu não fazia ideia de como é entrar numa faculdade. Uma coisa é você pegar o 125 ou então o 616 (linhas de ônibus), parar lá na frente, pegar um integração e é só entrar, qualquer pessoa entra. Agora como aluno matriculado é bem diferente.

Algo que eu percebo, enquanto acadêmico, é que faltam mais pesquisas como essa que você está fazendo. Eu acho bem interessante porque mostra que precisamos abraçar esse público, essa comunidade, sempre mostrando que existe algo maior, e é isso. Estamos caminhando, prestes a formar e fico muito grato por todas as pessoas me ajudaram e que me ajudam, conversando comigo sempre no sentido de expandir aquilo que eu penso.

Espero que possamos contextualizar cada vez mais essa situação, quem sabe um relato de uma pós-graduação, sobre as percepções, as dificuldades, que pode ser explanado por você em um mestrado, eu acredito que seja bem pertinente. Quando você for apresentar sua pesquisa me chame! Recentemente sofri um acidente, e estou em fase de recuperação, mas se eu já estiver com uma mobilidade boa, com toda certeza estarei lá prestigiando você, porque sei que esse é um momento ímpar, onde a gente fecha um ciclo depois de muitas dificuldades, recebendo tão pouco se comparada às bolsas de estágios de alguns cursos tidos como elitistas.

Com licença poética

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
-- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.*

Adélia Prado.

VALCILEN SANTOS DE LIMA

A Valcilen entrou na minha vida também por acaso, em uma das reuniões do Estágio Supervisionado em Gestão da Educação, durante a reunião relatei que a pesquisa do meu trabalho final era relacionada a essa temática e que tive muita dificuldade de encontrar discentes que fossem egressos da EJA no curso de pedagogia, foi quando a professora Edla Rodrigues, supervisora da disciplina, contou que estava lecionando em uma turma que tinha uma estudante oriunda da EJA. A professora passou o número da aluna e no dia seguinte enviei uma mensagem para a dona Valcilen explicando o intuito da pesquisa, ela aceitou participar. Marcamos um encontro na UFAM, durante o horário do intervalo do almoço. A recebi com um sorriso e fui logo agradecendo pelo tempo que iria disponibilizar para a pesquisa, enquanto ela, apesar de bastante tímida, estava sempre sorrindo. Decidimos um local para a entrevista que não tivesse tanta movimentação de pessoas. Por ser no horário de intervalo entre as aulas, escolhemos uma sala de aula para realizar a entrevista, posicionei nossas mesas e liguei o gravador. Enquanto explicava sobre o Termo de Consentimento que ela precisaria assinar, ela fez a leitura e eu expliquei previamente como seria a entrevista, que seria de maneira livre e que ela poderia contar a história de vida dela e sua trajetória escolar. Dei início à gravação e disse que ela poderia começar assim que estivesse à vontade. Durante a entrevista não contive o riso em vários momentos, muito por conta da própria narrativa dela, que achava graça das coisas que estava lembrando, sua história de vida, de conquista, de luta pela sua formação é inspiradora, uma mulher que apesar de nem saber o que era Pedagogia, aceitou o desafio de enfrentar todas suas inseguranças, com muito incentivo das suas filhas. Amei a história do início ao fim e agradei muito por ela ter compartilhado um pouco da sua trajetória de vida. Desejei muito sucesso a ela e que pudéssemos nos encontrar futuramente como colegas de trabalho.

Hoje a Valcilen tem 44 anos e está desperiodizada, porém cursando disciplinas do 8º período, é casada com um homem, que segundo ela, o apoia muito e se alegra com suas conquistas, tem três filhas que chama carinhosamente de “minhas meninas” e quatro netos.

ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA

Meu nome é Valcilen Santos de Lima, tenho três filhas, sou estudante de pedagogia e minha formação básica foi em uma escola na modalidade de Jovens e Adultos. Por ter casado muito jovem com um homem machista, que não permitia que eu estudasse ou trabalhasse, acabei aceitando que por ser uma mulher casada não seria bom estudar e fiquei cerca de doze anos sem frequentar uma escola. Durante esse tempo lembro que eu tinha colegas mais novas que me criticavam, mangavam de mim, por eu ser uma menina de treze anos que tinha um corpo mais desenvolvido... Um corpo de mulher. Eu sofria certo preconceito por ser uma “adulta” no meio delas, mas eu era adulta só de corpo, de mente não.

Só quando me separei comecei a trabalhar, mas a minha filha queria que eu estudasse, ela dizia “Mãe por que a senhora não volta a estudar?”.

Eu não queria voltar a estudar, me sentia envergonhada por ser uma mulher adulta. Até que um dia... Quando cheguei em casa a minha menina disse que já tinha me matriculado. Foi ela que me matriculou! Eu não queria estudar não! Hoje acho engraçado, mas lembro de ter ficado chateada, perguntei – Minha filha porque você fez isso? E agora? Ela conversou comigo quase chorando, pedindo para que eu fosse “Mãe tenta! Mãe vai! Se a senhora não conseguir a senhora para”.

Depois de muitos anos sem ter entrado em uma sala de aula, eu fui... Muito nervosa, levei todos os materiais, tesoura, lápis de cor, mochila, caderno, borracha, comprei tudo, parecia uma criança.

Como parei no 3º ano do Ensino Fundamental, precisei recomeçar no 1º ano dos Anos Iniciais, em uma Escola Municipal na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Nesse período eu tive dois professores, o professor Marcos e a professora Socorro. O professor Marcos gostava de conversar, ele via que as pessoas que estavam lá eram idosas, estavam cansadas do trabalho, alguns eram pedreiros, outras eram domésticas... Tinham alguns que até cochilavam nas cadeiras. Mas eu estava lá porque eu queria aprender! E a professora Socorro percebeu meu interesse e disse que me ajudaria. Passava atividades, corrigia, ela me ajudou muito durante o primeiro ao quinto ano.

Não sei como a Educação de Jovens e Adultos está hoje, mas na minha época os professores iam mais para conversar, eles diziam “Ah, vocês já estão cansados, vieram do trabalho e vocês só querem o certificado!”.

Quando fui para o sexto ao nono, aliás, o nono naquela época ainda não existia, fui para uma Escola Estadual. Lá eram quatro professores e uma delas se chamava Taiana, foi ela que

me ajudou durante esse período, ela viu que eu queria aprender. Ela dizia “Procura ler!”. Me sugeriu que eu comprasse uma caligrafia e me indicava tudo que fosse necessário para minha evolução. E assim eu fui passando, consegui concluir essa fase e tive boas notas.

Como eu trabalhava de Serviços Gerais pela parte da manhã e tarde, quando fui para o Ensino Médio fiz seriado no turno noturno, também em uma Escola Estadual. Mas o ensino não era dado como nos outros turnos. Para os adolescentes... Eles ensinavam tudo, passavam conteúdo e durante a noite eles ensinavam somente o básico, não se aprofundavam nos assuntos, ficavam conversando e eu sentia falta de mais explicações durante as aulas. Minhas filhas que me ajudavam, elas estudavam na escola durante a manhã e procuravam me ensinar em casa, durante os finais de semana.

Foram alguns professores que me ajudaram, por exemplo, no Ensino Médio a professora que me ajudou foi a Maryjane. Ela dizia “Eu vou lhe ajudar por que eu vejo que você tem interesse em aprender!”, então ela me mandava ler, passava exercícios, fazia correção... Tanto é que quem me indicou o PSC foi essa professora e eu não sabia o que era isso. Inclusive foi através do PSC que eu entrei na universidade, lembro-me de ter ido à diretoria e o secretário fez a minha inscrição. E quando eu concluí o Ensino Médio, passei com boas notas também.

Na EJA eu percebia que os professores não tinham muito interesse em nos ensinar, eles achavam que as pessoas estavam ali somente pelo certificado. Por exemplo, eles nunca falavam sobre universidade, achavam que a gente não seria capaz de fazer uma faculdade, não falavam quando tinha curso, não anunciavam as provas. Quando tinha esse tempo folclórico no mês de junho os professores vendiam o bingo e diziam “Se vocês quiserem ponto é só comprar bingo de mim que eu dou dez pontos”. Lembro que aquilo me entristecia.

Na época da escola nunca almejei entrar na faculdade, não passava na minha cabeça... Eu só queria aprender a ler e terminar. Achava que não era para mim, achava que não era capaz de acompanhar uma faculdade. Nunca imaginei que conseguiria entrar em uma faculdade, achava que era um lugar com gente muito inteligente, intelectual, eu não me achava capaz. Mas eram minhas filhas que me colocavam pra cima e diziam que eu era capaz! A minhas meninas sempre diziam que eu tinha que levantar minha autoestima.

Acho que essa falta de confiança acontece por não ter incentivo dos próprios professores, não sei como a EJA está agora, mas na minha época não tinha. Os professores não procuravam ajudar, por exemplo, tinha um senhor que não sabia ler nem escrever e lembro que ele queria aprender só o nome dele, ele passou, não sei como. Mas não aprendeu o nome dele.

Depois do Ensino Médio eu não queria continuar estudando. Para mim já estava bom. E minha filha disse não, que eu tinha que fazer uma faculdade. No PSC ela colocou Pedagogia

e eu não sabia nem o que era isso! Foi quando ela explicou que eu trabalharia com criança, que eu seria uma professora.

O que passava na minha cabeça era – Para quê que eu vou fazer faculdade? Eu ficava pensando: eu não preciso, eu estou trabalhando, só basta aprender a ler os produtos, não achava que precisava passar desse nível. E acredito que os colegas da época também pensavam assim. Tem gente que está lá e quer aprender, mas não pensam em uma faculdade, eles só querem aprender a ler e escrever. E como eles não viam interesse dos professores, eles ficavam na deles, foi isso que eu vi na minha experiência e eu espero que tenha mudado, porque a pessoa tem que ter incentivo. Se eu não tivesse o incentivo das minhas filhas eu nunca teria continuado.

Quem está do lado de fora imagina que a faculdade seja impossível. Eu pensava que eu não conseguiria, achava que entrava na universidade só gente que estudou em escola particular, filho de papai ou que tem dinheiro, eu imaginava dessa forma, entendeu? Hoje eu vejo que se a pessoa realmente quer... Ela consegue entrar na universidade. Vejo que a universidade é para todos!

Mas o que eu acho mais incrível em toda essa história é que eu nunca reprovei, eu sempre tive boas notas e passei direto no PSC, não precisei ficar esperando a segunda chamada. A escola em que eu estudava colocava no mural as pessoas que tinham passado na UFAM e por incrível que pareça durante a noite eu fui à única. E de manhã foram quatro e uma delas era a minha filha. Nós fazemos faculdade juntas, mas ela faz Economia.

Nas primeiras semanas dentro da universidade minha filha me acompanhou para conhecer os alunos, o campus, e assim, geralmente é a mãe que leva os filhos na escola e fica esperando na porta, mas no meu caso foi diferente. Minha filha ficava lá fora e eu ficava olhando para ela pelo vidro da janela. Quando contei essa história na sala de aula todos os colegas riram, foi uma graça. E assim eu estou aqui, graças a Deus por conta das minhas filhas que me apoiaram e me deram força.

Aqui na UFAM a minha maior dificuldade é com a tecnologia, não sou muito familiarizada, como não costumo digitar, eu demoro. Mas fui bem acolhida pelas colegas da turma, elas me apoiaram muito nos trabalhos. Eu dava ideias, pesquisava, mas na hora de digitar, elas faziam. Eu só não concluí o curso porque passei esses dois anos durante a pandemia parada, e por conta disso, da tecnologia, eu não consegui acompanhar as aulas on-line! Eu pensei até em não voltar, mas minhas filhas sempre estavam ali comigo me incentivando, diziam que eu precisava voltar, que se eu consegui até agora então eu conseguiria até o final. Hoje em dia eu só tenho dificuldade em ler texto, eu tenho que ler, ver, ouvir para poder

entender. Tem gente que compreende rapidinho, né? Eu não sou assim. Mas minhas filhas me ajudam até hoje.

Durante esse tempo que passei na UFAM eu estava muito feliz, foi quando tive a oportunidade de participar do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, mas minha experiência não foi boa. A maneira que a professora que eu acompanhei tratava os alunos, ela era muito ruim com os alunos, a forma como ela trabalhava, aquilo me deixava muito triste. E isso me deixou desanimada, lembro que minha filha me disse “A senhora pode fazer diferente mãe, assim como já fez diferença em provar que uma pessoa da EJA pode entrar na faculdade, a senhora pode fazer diferença sendo professora!”. As minhas três filhas me animam demais e sempre pegam no meu pé, eu acho engraçado.

Na minha família não tem ninguém que tenha faculdade, só tem gente que fez até o Ensino Fundamental ou Médio, eu sou a única. E eles depositam em mim aquela esperança: “Ah, vai ter uma pessoa da família que vai ser formada”. Dentro da UFAM minha vida mudou, tanto para mim como para meu atual marido, antigamente ele não tinha interesse algum em estudar, foi me vendo lendo, estudando, que acabou se interessando, tanto é que agora ele estuda, começou a ler livros, coisas que ele não fazia antes. Estudando você consegue ver as coisas ao seu redor, as coisas que você não via antes. Olha o mundo de outra maneira! Eu acredito que a universidade melhorou a minha vida e melhora a vida do ser humano, porque ele vai poder pensar.

E quando você estuda, começa a ter uma vontade de querer saber mais, não ficar só naquele mundinho. E conseqüentemente você vai melhorar também o seu trabalho. Todo trabalho é digno, mas você vai poder arranjar um trabalho melhor para ganhar um salário melhor, não vai mais precisar estar no sol quente, ter um trabalho que não faça tanto esforço braçal. Você fica só no seu mundinho, você não pensa e nem dá opinião, você concorda com tudo que os outros falam. Porque geralmente quando você não sabe você fica calado, não quer falar às coisas que não sabe.

Aqui na UFAM já aconteceu comigo em alguns casos, por não saber como falar as pessoas mangaram de mim, por isso que às vezes prefiro ficar calada para não sofrer nenhum tipo de preconceito. Nunca falei para ninguém que eu era do EJA para não ser criticada por que as pessoas podiam pensar que eu não sabia de nada.

Só agora fazendo a disciplina de Educação de Jovens e Adultos, que eu ouvia a professora falando, e eu ficava pensando: não é assim! Até que teve um dia que eu falei – Eu vou falar por experiência própria! E foi a partir desse momento que eu contei minha experiência,

que nos livros e documentos tudo é bonito, mas a realidade é outra. Falei do meu tempo, hoje não sei como está, e também não estou falando de todos os professores, tanto que tive professores que foram essenciais para eu estar aqui hoje. Outra coisa que eu acredito que também poderia ser mudado é separar os Jovens dos Adultos, porque qualquer barulho que seja desconcentra os mais idosos e os jovens gostam de conversar, isso atrapalha demais quem quer realmente aprender.

Mas foi somente nessa disciplina de Educação de Jovens e Adultos que eu me senti a vontade para falar, e minha filha até disse para eu procurar ser uma professora da EJA, já que eu via as dificuldades que meus colegas passavam onde só queriam aprender a escrever o nome e nem isso conseguiam.



Imagem 5 – Fotografia do entardecer no MiniCampus na UFAM. – Fonte: Fonte: Acervo da autora (2019)

3 OS PONTOS DE VISTAS

Ainda que saibamos que o direito a Educação Básica seja respaldado por leis específicas, existem condicionantes durante a vida de um estudante que podem interferir nesse percurso escolar, ocasionando na evasão desse e por consequência, postergando a conclusão dessa etapa de ensino. Araújo ressalta que:

Percebe-se que não somente o acesso à educação tem sido um problema, a permanência na educação formal também se apresenta como uma problemática do sistema de educação brasileiro. Concluir a Educação Básica na idade prevista na legislação e prosseguir com os estudos não tem sido uma possibilidade para todas as pessoas. (ARAÚJO, 2016, p. 16)

Nesse sentido a EJA aparece como possibilidade de retornar as escolas, dando continuidade aos estudos.

A EJA, em seu histórico, sempre foi à ponte para a conciliação desses dois contextos ao proporcionar a seu público o acesso à escolarização e o acolhimento das trajetórias que não se deram de forma linear e, portanto, tornaram-se penalizadas pela sociedade. (REIS, S; MUNIZ, R., 2021, p. 7)

E reiteram que os estudantes egressos da EJA:

Carregam em suas bagagens saberes das experiências de trabalho, de lutas, de exclusão, de direitos negados, de falta de condições de acesso e/ou permanência no processo de escolarização, sobretudo pela necessidade de conciliar estudo e trabalho para garantir a própria sobrevivência humana e a de seus familiares. (REIS, S; MUNIZ, R., 2021, p. 17)

No entanto, quando falamos sobre a continuidade dos estudos da Educação Básica para o Ensino Superior nos deparamos com condicionantes ainda mais preocupantes, alguns exemplos são: 1) números pouco expressivos de egressos da EJA dentro das universidades; 2) os desestímulos internos, como a insegurança desses estudantes em relação ao ES, uma vez que se sentem incapazes de ingressar e acompanhar os estudos em um espaço acadêmico; 3) os desestímulos externos e sociais que afastam e negam a esse estudante o direito à educação dentro das próprias instituições de ensino e 4) falta de ações direcionadas no sentido do ingresso desses estudantes ao ES, dentre outros.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, do processo de coletas de dados e em paralelo com a atuação em um CEJA no estado do Amazonas, devido à disciplina obrigatória de Estágio Supervisionado em Gestão, muitas questões e observações foram surgindo, principalmente quanto ao ponto de diálogo entre a etapa de ensino da Educação Básica, como modalidade da

EJA com o Ensino Superior, que serão destacadas no decorrer desse capítulo a título de análises e reflexões.

Uma das leituras que mais ressaltou aos olhos foi o último PARECER CNE/CEB Nº: 6/2020 que dispõe sobre o alinhamento das diretrizes operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade. Nesse documento destacamos alguns ajustes que foram feitos no sentido de operacionalização da EJA, relacionadas às características do público atendido, da carga horária adequada para esse público, da flexibilização do desenvolvimento do curso para compatibilização da modalidade com a realidade dos estudantes e, por último, destacamos o alinhamento da elevação e ampliação da escolaridade profissional. Escolhemos esse último item para destaque, pois terminada a leitura do documento, percebe-se que as propostas e ações direcionadas e pensadas para o estudante da EJA sejam consideradas a partir de um perfil do estudante da EJA, traçado pelo próprio documento dessa maneira:

Nesse contexto, uma característica a ser destacada em relação aos sujeitos da EJA é o vínculo com o trabalho, seja por serem filhos de trabalhadores, por estarem em busca de emprego ou por já fazerem parte do mundo do trabalho. Esse público tem o trabalho como prioridade e necessidade diferenciada de organização dos demais tempos da vida e que, ao retomar ao processo de escolarização, precisa assumir o compromisso do presente para a construção do futuro. (BRASIL, 2020, p. 4)

O caráter de tratar o perfil dos estudantes da EJA sempre relacionando ao emprego; profissão; qualificação profissional; inserção no mundo do trabalho; entre outros, são evidentes durante a leitura do documento. Como por exemplo, em outro trecho:

Retornar à escola e frequentá-la constitui, dessa maneira, uma possibilidade de aquisição do conhecimento formal com o intuito de elevação de escolaridade, possibilidade de uma qualificação profissional integrada à formação propedêutica e também a (re)inserção no mundo do trabalho, com possibilidade(s) de melhoria(s) de vida nas dimensões social, cultural e econômica. (BRASIL, 2020, p. 4)

Sendo assim, ao assumir que o público da EJA é constituído por trabalhadores que não tiveram a oportunidade de cursar a Educação Básica, o parecer nos apresenta alguns dados do Educacenso de 2019 relacionados aos números de estudantes matriculados na EJA, sendo 3,2 (três milhões e duzentos mil), e desse número 30% das matrículas são de jovens com idade entre quinze e dezenove anos que, segundo o documento, possuem o perfil de um aluno trabalhador.

O que pretendemos apontar com esses dados e informações, é que durante a leitura do documento em momento algum é mencionada a inserção desses estudantes da Educação Básica na modalidade da EJA ao Ensino Superior. Considerando, portanto, uma visão dos estudantes da EJA restrita a maneiras de obter melhores oportunidades no mercado de trabalho a partir da conclusão do ensino fundamental e médio, na maioria das vezes sem pensar na possibilidade de uma evolução acadêmica e profissional com a formação superior.

Não pretendemos aqui desconsiderar que o perfil do estudante da EJA esteja atrelado ao trabalho. São muitos os estudos que pontuam o estudante da EJA nesse sentido, como por exemplo, Reis e Muniz citam em seu artigo que os estudantes da EJA:

São pessoas que pensam no hoje, no agora, por isso não veem um futuro de muitas possibilidades. Muitos abandonam seus estudos para trabalhar, porque, para eles, estudar é um processo longo e demanda tempo, haja vista que muitos desses atores sociais são pais de família que fazem hora extra depois do expediente para garantir a renda no final do mês, outros trabalham durante o dia, estudam à noite e, muitas vezes, ficam dias sem ir à escola devido ao cansaço no final do expediente. (REIS, S; MUNIZ, R., 2021, p. 5)

Pontuamos também a questão da qualidade da formação e da baixa autoestima desses alunos que por vezes não se sentem confiantes para prosseguir os estudos, haja vista que possuem um déficit, comparado ao jovem que frequentou a educação formal, devido à diferença de tempo e das circunstâncias que enfrentam durante a formação na EJA à educação básica, esse déficit é percebido e se torna um grande obstáculo quando se trata de ingressarem na Educação Superior.

Araújo ressalta:

Vale deixar claro que não se advoga aqui uma extensão da EJA na qualidade de modalidade educacional para o ensino superior. Aqui se apresenta a lacuna que existe na modalidade que é não a implementar com vista a continuidade de estudos dos alunos egressos dessa modalidade no nível superior. (ARAÚJO, 2016, p. 34)

A necessidade de que o EJA não se resuma apenas ao objetivo de oferecer melhores oportunidades no mercado de trabalho em nível fundamental e médio, mas que seja também um estímulo ao desenvolvimento pessoal e social para que esses estudantes tenham a possibilidade de considerar também o seu ingresso no Ensino Superior. Nascimento cita em seu trabalho que não devemos permitir que haja o continuísmo de uma prisão ao sistema ideológico que, não oportuniza os jovens ao ingresso no ensino superior, e nem que esses jovens sejam desestimulados para tanto. (NASCIMENTO, 2015, n.p)

Para compreender o perfil dos sujeitos da EJA, precisamos analisar sobre os moldes de formação da sociedade, que são vivenciadas pelos estudantes advindos dessa modalidade. Para isso precisamos entender de que maneira esses estudantes percorreram suas trajetórias diante das suas condições sociais, culturais e econômicas. Reis e Muniz salientam que:

[...] Faz-se necessário compreender como foi construída a trajetória pessoal, profissional e escolar de cada aluno, de modo a evidenciar os elementos constitutivos que atuaram em torno da inserção nos estudos e, sobretudo, as condições de permanência e continuidade neles. (REIS; MUNIZ, 2021, p. 3)

Essa pesquisa buscou, a partir do olhar dos nossos colaboradores, compreender a realidade que nos foi relatada. Para isso é preciso entender de que maneira foi construída a trajetória escolar desses estudantes, para poder analisar os elementos que constituem o ingresso no Ensino Superior, evidenciando a importância que as instituições de ensino reconheçam seu público e desenvolvam práticas e ações voltadas para as necessidades desses estudantes.

Ressaltamos que por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, onde estamos analisando subjetividades, os elementos a serem analisados são variados, para isso pretendemos ter a capacidade de além de compreender e interpretar a realidade que nos foi contada, confrontar com estudos e teorias que fundamentem nossa interpretação. Ainda que nossa pesquisa tenha sido feita com apenas dois estudantes, tendo como objetivo a busca das suas percepções quanto ao Ensino Superior, existem problemas sociais que emergem dentro desse cenário e tentaremos pontuar algumas das situações que nos chamaram atenção, ou que de alguma forma foram semelhantes durante as trajetórias descritas.

Quando por exemplo falamos dos motivos do abandono da escola por parte dos colaboradores, Willians nos conta que precisou interromper seus estudos por ter contraído meningite. A meningite de acordo com a Biblioteca Virtual em Saúde (2023) é uma infecção que pode ser causada por bactéria ou vírus podendo se desenvolver em quadros leves, tendo sintomas como gripes e resfriados, até casos graves, levando a morte em questão de horas, ou causando incapacidades permanentes no paciente. Com isso Willians relata:

Quando tentei retornar não fui aceito nas escolas que eu e minha mãe tínhamos interesse, então decidimos que seria melhor parar de estudar por um tempo.

No rol de questões que podem levar um aluno a evadir-se da escola, as situações relacionadas à saúde mental são as que ganham mais destaque, entretanto doenças que dificultam a mobilidade e o acesso ao ambiente escolar podem fazer com que o estudante não

se sinta confortável e tenha dificuldades de adaptação ao ensino regular. É o caso, por exemplo, de alunos com deficiência que se evadem por não conseguirem acompanhar a turma e acabam recorrendo a EJA (MENDES M S, 2013).

No caso da Valcilen ela nos conta que:

Por ter casado muito jovem com um homem machista, que não permitia que eu estudasse ou trabalhasse, acabei aceitando que por ser uma mulher casada não seria bom estudar e fiquei cerca de doze anos sem frequentar uma escola.

Nesse caso, trata-se de um aspecto presente na nossa realidade. Vivemos em uma sociedade estruturalmente machista e patriarcal, na qual pensamentos como esses são comuns e naturalizados. Fazendo com que a mulher tenha um papel submisso às escolhas de um homem que tenha uma figura de superioridade, esse tipo de opressão, assim como outros, foi construído historicamente e afetam e oprimem mulheres até os dias atuais. Muitos foram e são os movimentos sociais em busca da equidade entre os gêneros, algumas lutas foram vitoriosas, algumas ainda estão sendo travadas.

Quando tratamos do retorno deles a escola, os motivos também divergem, mas entram em consonância quando diz respeito ao apoio e incentivo de pessoas que fazem parte do círculo familiar ou social. Valcilen foi incentivada pelas próprias filhas para retomar os estudos. Ela nos conta que só quando se separou do marido começou a trabalhar, mas sua filha queria que ela também voltasse a estudar.

Foi ela que me matriculou! Eu não queria estudar não! Hoje acho engraçado, mas lembro de ter ficado chateada, perguntei – Minha filha porque você fez isso? E agora? Ela conversou comigo quase chorando, pedindo para que eu fosse “Mãe tenta”! Mãe vai! “Se a senhora não conseguir a senhora para.”

No caso do Willians, ele nos conta que depois de três a quatro anos sem estudar um amigo e a mãe dele falaram sobre o Projeto Avançar e que foi ali que retomou os estudos na Educação Básica. De acordo com a Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (2018) o Projeto Avançar busca regularizar o processo escolar de estudantes matriculados nas escolas da rede pública estadual que apresentam distorção idade-ano escolar, ou seja, que estão cursando uma série, mas com atraso de mais de dois anos, e tem como objetivo a “Correção de Fluxo Escolar” desses estudantes.

Quanto às experiências vivenciadas por eles durante a EJA, Willians nos conta que estudou na EJA nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Lembro que próximo a minha residência eu olhava algumas pessoas passando a noite para ir para a escola, todos fardados... Então eu fui até essa escola junto com a minha mãe, conversamos com a gestão, com o pedagógico e a escola me abraçou e me acolheu. Fiquei lá dois anos, compreendendo os anos Finais do 6º ao 9º.

Na entrevista Willians relatou que alguns professores não demonstravam compromisso ético com a profissão, não se preocupavam em dar aulas com qualidade, e por esse motivo saiu da EJA com um déficit no ensino-aprendizagem. No caso da Valcilen, ela frequentou a EJA do primeiro ao nono ano, que na época ainda era oitavo ano e diz que precisou contar com a ajuda e incentivo de alguns professores que percebiam o interesse dela em aprender, mas assim como o Willians, frisa que alguns professores eram descompromissados com seu trabalho, não ensinavam os conteúdos na íntegra. Em uma das suas falas comentou:

Não sei como a Educação de Jovens e Adultos está hoje, mas na minha época os professores iam mais para conversar, eles diziam “Ah, vocês já estão cansados, vieram do trabalho e vocês só querem o certificado!”.

Nesse sentido, Reis e Muniz (2021, p. 16) reiteram em seus estudos que a “maioria dos professores e gestores que atuam na EJA subestimam os alunos e não acreditam na possibilidade do ingresso deles na universidade”. Em sua entrevista Valcilen relatou que tinha uma percepção semelhante a apresentada pelos autores.

Eu percebia que os professores não tinham muito interesse em nos ensinar, eles achavam que as pessoas estavam ali somente pelo certificado. Por exemplo, eles nunca falavam sobre universidade, achavam que a gente não seria capaz de fazer uma faculdade, não falavam quando tinha curso, não anunciavam as provas. Quando tinha esse tempo folclórico no mês de junho os professores vendiam o bingo e diziam “Se vocês quiserem ponto é só comprar bingo de mim que eu dou dez pontos”. Lembro que aquilo me entristecia.

Uma das queixas em ambos os discursos dos estudantes estava no currículo da EJA ser condensado, indicando que havia professores que não ensinavam todo o conteúdo ou que não

possuíam profissionalismo para com aqueles que estavam dentro das salas, deixando de garantir a todos o direito de aprender. O professor que atua na EJA precisa ter domínio do trabalho com jovens e adultos para que possa conduzir o processo ensino-aprendizagem de forma que esses estudantes tenham a possibilidade de buscar melhores condições de trabalho e ascensão social. Em um artigo publicado na Revista HISTEDBR On-line, Strelhow (2010) analisa o professor que trabalha com estudantes da EJA dessa forma:

O professor que se propõe a trabalhar com adultos deve refletir criticamente sobre sua prática, tendo também uma visão ampla sobre a sala de aula, sobre a escola em que vai trabalhar. Tem que ampliar suas reflexões sobre o ensinar, pensando sobre sua prática como um todo. Ele precisa resgatar junto aos alunos suas histórias de vida, tendo conhecimento de que há uma espécie de saber desses alunos que é o saber cotidiano, uma espécie de saber das ruas, pouco valorizado no mundo letrado e escolar. Frequentemente o próprio aluno busca na escola um lugar para satisfazer suas necessidades particulares, para integrar-se à sociedade letrada, da qual não pode participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita. (STRELHOW, 2010, p. 49)

Quando se refere às suas percepções e expectativas quanto ao Ensino Superior durante a EJA, Valcilen relata:

Na época da escola nunca almejei entrar na faculdade, não passava na minha cabeça... Eu só queria aprender a ler e terminar. Achava que não era para mim, achava que não era capaz de acompanhar uma faculdade. Nunca imaginei que conseguiria entrar em uma faculdade, achava que era um lugar com gente muito inteligente, intelectual, eu não me achava capaz. Mas eram minhas filhas que me colocavam pra cima e diziam que eu era capaz!

Em uma das suas falas ela nos diz que o que passava na sua cabeça era “*Para quê que eu vou fazer faculdade?*”.

Quem está do lado de fora imagina que a faculdade seja impossível. Eu pensava que eu não conseguiria, achava que entrava na universidade só gente que estudou em escola particular, filho de papai ou que tem dinheiro, eu imaginava dessa forma, entendeu? Hoje eu vejo que se a pessoa realmente quer... Ela consegue entrar na universidade. Vejo que a universidade é para todos!

O caso do Willians é um pouco diferente, ainda que ele não tivesse conhecimento sobre o mundo acadêmico sempre foi muito curioso nesse sentido, entrar na universidade era algo que queria muito. Em grande parte, porque seria o primeiro da família a adentrar ao espaço acadêmico e queria dar essa satisfação, sobretudo para a mãe.

Eu já tinha uma dimensão que existia um vestibular, que existiam portas de entrada para as universidades, mas ainda não tinha lido um edital, por exemplo, não sabia como era o certame, que era triênio no caso do PSC e SIS, eu não sabia como era exatamente o ENEM, aquela prova absurda, hoje eu acho até engraçado.

E reitera:

O entendimento do que a educação poderia me proporcionar ocorreu quando eu estava no Ensino Médio. Eu tive a curiosidade de pesquisar quanto seria em média o salário de um professor de língua portuguesa, de um pedagogo e dentro da minha realidade eu pensei que valeria a pena se submeter ao processo todo até chegar a um determinado ponto.

São duas visões bem distintas quanto a um possível acesso ao ensino superior. Valcilen sequer imaginava chegar à faculdade, muito por conta da sua condição familiar, como esposa e mãe ainda muito jovem convivia com preconceitos e pressões enraizadas na cultura do nosso país e aceitava essa condição como sendo algo natural, duvidando da sua capacidade de chegar tão longe. Os motivos que levaram Willians a se afastar temporariamente do ambiente escolar foram relacionados a saúde, diferente da maioria dos alunos que interrompe os estudos regulares e recorre ao EJA, mas sua condição familiar, o apoio da mãe e de amigos foram determinantes para que alimentasse o sonho de ingressar na faculdade.

Quando falamos sobre quais foram os incentivos deles quanto ao ingresso na universidade, Willians diz que o incentivo se deu por meio da trajetória de vida dele, por ter que trabalhar desde o ensino médio, ele sempre pensou em como seria seu futuro, procurando pesquisar salários de algumas profissões, fora isso sempre foi muito curioso em relação à universidade e acompanhava as atualizações através das redes sociais. Willians relembra que teve que correr atrás sozinho, estudando, assistindo vídeo aula, pegando material com professores. Acompanhava a divulgação de editais, processos seletivos relacionados às universidades públicas através das redes sociais, sempre foi engajado no *Instagram*, e recorda que:

Na escola tinham algumas divulgações, mas poucos eram os alunos que se interessava, essa é a grande verdade. A grande maioria fazia, mas não sabia de fato como era o processo... Não liam o edital. Tinham oficinas na escola onde eu estudava, mas era algo muito pontual, ou relacionado à língua portuguesa e matemática e sempre de forma muito bancária, sabe? “É isso que vocês têm que aprender e pronto”.

Quando Willians cita o fato das oficinas serem feitas de “forma muito bancária”, ele se refere ao conceito e teoria de Paulo Freire, que se baseia numa relação vertical e autoritária na qual o professor é o depositante de informações e o aluno o depositário, ou seja, ao estudante cabe somente receber e memorizar aquilo que é transmitido pelo professor, sem questionamento e conscientização sobre o conhecimento transmitido. Em sua teoria, ele acredita que esse tipo de prática distancia o estudante da sua emancipação social, visto que o alicerce, a base ética da humanidade acontece no reconhecimento de si mesmo como sujeito. Paulo Freire constrói todo seu estudo baseado na emancipação desses sujeitos como forma de humanização para a superação dos seus condicionantes históricos e sociais.

Nesse contexto, Valcilen se refere a alguns professores que a ajudaram durante toda sua trajetória na Educação Básica como, por exemplo:

No Ensino Médio a professora que me ajudou foi a Maryjane. Ela dizia “Eu vou lhe ajudar por que eu vejo que você tem interesse em aprender!”, então ela me mandava ler, passava exercícios, fazia correção... Tanto é que quem me indicou o PSC foi essa professora e eu não sabia o que era isso. Inclusive foi através do PSC que eu entrei na universidade, lembro-me de ter ido à diretoria e o secretário fez a minha inscrição. E quando eu concluí o Ensino Médio, passei com boas notas também.

Mesmo tendo o apoio de alguns professores Valcilen reconhece que sem o incentivo das filhas nunca teria continuado os estudos. Suas filhas estavam envolvidas até no processo de escolha do curso, depois do Ensino Médio não queria continuar estudando e foi a mais velha quem explicou que fazendo pedagogia ela seria uma professora.

Para o Willians o processo de escolha foi bem diferente, ele precisou contrariar sua família, que gostaria que ele fizesse Direito.

Nessa época eu comecei a pensar em uma possível entrada na universidade, e buscando me identificar cheguei a cogitar alguns cursos, aqueles ditos como

mais elitistas, como por exemplo, medicina, direito. Foi quando eu parei para analisar meu perfil como ser humano. Desde muito pequeno sempre tive uma interação com o pedagógico e com a gestão das escolas que eu passei. No Ensino Médio, como fui vice-presidente do grêmio escolar, pude conhecer melhor as atividades administrativas e ver mais de perto o jeito que a gestora e a pedagoga trabalhavam, foi quando pensei que era isso que queria pra mim.

Quanto à adaptação no Ensino Superior, Valcilen nos expõe sua insegurança, e que sua filha teve que acompanhá-la nos primeiros dias no Campus, mas disse que foi bem acolhida na sala pelas colegas.

Nas primeiras semanas dentro da universidade minha filha me acompanhou para conhecer os alunos, o campus, e assim, geralmente é a mãe que leva os filhos na escola e fica esperando na porta, mas no meu caso foi diferente. Minha filha ficava lá fora e eu ficava olhando para ela pelo vidro da janela. Quando contei essa história na sala de aula todos os colegas riram, foi uma graça. E assim eu estou aqui, graças a Deus por conta das minhas filhas que me apoiaram e me deram força.

Em sua entrevista Valcilen comentou que nem passava na sua cabeça ter acesso ao ensino superior, não se sentia segura porque sempre pensou que a universidade não era para pessoas como ela, por isso teve muitas dificuldades durante o processo de ensino-aprendizagem e percebe que existe uma defasagem em relação aos seus colegas de turma pois até hoje precisa revisar os textos algumas vezes para entender, além disso, também sente dificuldade em relação às tecnologias e trabalhos digitados o que certamente é uma consequência direta da sua formação precária na Educação Básica.

Sobre os desafios de permanência no ensino superior, Valcilen nos conta que durante o curso teve a oportunidade de participar como bolsista do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, mas que sua experiência não foi boa, que a maneira que a professora trabalhava e tratava os alunos a desanimava e entristecia, por isso chegou a pensar em desistir. Outra situação que Valcilen relatou foi que sofreu preconceito por ser egressa da EJA dentro da UFAM.

Aqui na UFAM já aconteceu comigo em alguns casos, por não saber como falar as pessoas mangaram de mim, por isso que às vezes prefiro ficar calada

para não sofrer nenhum tipo de preconceito. Nunca falei para ninguém que eu era do EJA para não ser criticada por que as pessoas podiam pensar que eu não sabia de nada.

Em sua entrevista Valcilen relatou que outro desafio que precisou enfrentar para permanecer na universidade foram as aulas on-line durante a pandemia, por não ter familiaridade com uso da internet e equipamentos eletrônicos acabou não se matriculando nas matérias e ficou sem estudar por dois anos, que a retomada foi difícil e novamente pensou em desistir, mas, como sempre, suas filhas a incentivaram para que continuasse e concluísse o curso.

Eu só não concluí o curso porque passei esses dois anos durante a pandemia parada, e por conta disso, da tecnologia, eu não consegui acompanhar as aulas on-line! Eu pensei até em não voltar, mas minhas filhas sempre estavam ali comigo me incentivando, diziam que eu precisava voltar, que se eu consegui até agora então eu conseguiria até o final.

Ainda sobre os desafios de permanência na universidade, Willians destacou que sempre precisou trabalhar para subsidiar a continuidade dos estudos e seu desenvolvimento durante esse tempo na UFAM e comentou com propriedade a respeito das dificuldades financeiras dos alunos, principalmente os que são de famílias de baixa renda.

Esse é um ponto que eu quero destacar no sentido de valorizar a formação superior. São muitos os estudantes de família pobre ou que estão em vulnerabilidade social e não podem participar, por exemplo, de um projeto de extensão, um PACE, porque as bolsas são limitadas, a triagem é feita por coeficiente, muitos não podem participar de uma Residência porque o valor que pagam não dá retorno, seja no prato do indivíduo ou o retorno financeiro que proporcione uma melhoria de vida.

Ao falar sobre a percepção que têm hoje sobre o ensino superior e de que forma a universidade agregou algo a sua vida, Valcilen descreveu dessa forma:

Dentro da UFAM minha vida mudou, tanto para mim como para meu atual marido, antigamente ele não tinha interesse algum em estudar, foi me vendo lendo, estudando, que acabou se interessando, tanto é que agora ele estuda,

começou a ler livros, coisas que ele não fazia antes. Estudando você consegue ver as coisas ao seu redor, as coisas que você não via antes.

E concluiu dizendo o seguinte:

E quando você estuda, começa a ter uma vontade de querer saber mais, não ficar só naquele mundinho. E conseqüentemente você vai melhorar também o seu trabalho. Todo trabalho é digno, mas você vai poder arranjar um trabalho melhor para ganhar um salário melhor, não vai mais precisar estar no sol quente, ter um trabalho que não faça tanto esforço braçal. Você fica só no seu mundinho, você não pensa e nem dá opinião, você concorda com tudo que os outros falam. Porque geralmente quando você não sabe você fica calado, não quer falar de coisas que não sabe. Olha o mundo de outra maneira! Eu acredito que a universidade melhorou a minha vida e melhora a vida do ser humano, porque ele vai poder pensar.

Durante sua entrevista Willians demonstrou muito orgulho pela profissão que irá desempenhar e consciência do papel do professor, fez questão de destacar a importância do professor e sua responsabilidade no desenvolvimento dos seus alunos e da sociedade como um todo.

O professor é como um espelho para os alunos, porque estamos ali no dia a dia deles, mesmo não fazendo parte da família, fazemos parte do núcleo social desse aluno. O que pudermos fazer para mostrar os melhores caminhos faz parte da nossa responsabilidade social, como profissional, como educador e como ser humano. Eu fico feliz de poder contribuir, porque acredito que isso faz parte da nossa responsabilidade, de fazer o possível para que essas pessoas tenham acesso às universidades, que a comunidade em si, tenha entendimento que é possível ocupar esse espaço. Eu só estou na pedagogia hoje porque muitas pessoas me ajudaram a ter noção de que existe algo maior.



Imagem 6 – Fotografia do corredor da coordenação da FACED. Fonte: Fonte: Acervo da autora (2022)

*Sabe, gente
É tanta coisa pra gente saber
O que cantar, como andar, onde ir
O que dizer, o que calar, a quem querer*

*Sabe, gente
É tanta coisa que eu fico sem jeito
Sou eu sozinho e esse nó no peito
Já desfeito em lágrimas que eu luto pra esconder*

*Sabe, gente
Eu sei que, no fundo, o problema é só da gente
É só do coração dizer não, quando a mente
Tenta nos levar pra casa do sofrer*

*E quando escutar um samba-canção
Assim como: Eu preciso aprender a ser só
Reagir e ouvir o coração responder
Eu preciso aprender a só ser...*

Gilberto Gil.

4 OLHAR ADIANTE

São muitas as barreiras sociais que alunos egressos da EJA precisam ultrapassar para acessar e concluir um curso de formação superior, tanto que um número quase inexpressivo consegue ingressar e permanecer nas universidades, essa realidade ficou aparente diante da dificuldade que tivemos em encontrar egressos da EJA no curso de Pedagogia da FAGED.

Os poucos estudantes que alcançam essa etapa do ensino geralmente manifestam sentimento de insegurança e baixa autoestima, principalmente quando afirmam que saíram da EJA com um déficit de aprendizagem ocasionado pela precariedade do processo de ensino, advindo por vezes de professores que não ensinavam os conteúdos das disciplinas na íntegra e não mostravam interesse em divulgar informações sobre os vestibulares, alguns até demonstravam não acreditar que aqueles estudantes tinham condições de continuarem seus estudos. Todos esses aspectos acabam por se transformar em obstáculos que impedem muitos estudantes de chegarem ao Ensino Superior e evidenciam a importância de que as instituições de ensino reconheçam seu público e desenvolvam práticas e ações voltadas para as necessidades desses estudantes.

Para explicar essa afirmativa, buscamos, a partir do olhar dos nossos colaboradores, compreender a realidade que nos foi relatada. Ao conhecer maneira como foi construída a trajetória dos estudantes que colaboraram com a pesquisa e analisar os elementos envolvidos no ingresso de cada um deles no Ensino Superior, ter conhecido a trajetória dos nossos colaboradores nos ajudou a entender e compreender alguns fenômenos sociais que emergiram durante suas narrativas, que mesmo sendo completamente divergentes, nos permitiram encontrar respostas para alguns dos nossos questionamentos e estavam em consonância com os objetivos da pesquisa.

Durante a pesquisa vimos que a Educação de Jovens e Adultos é parte integrante da história da Educação no Brasil, sendo uma das modalidades de educação que mais demanda esforços para democratizar o acesso ao conhecimento em nosso país. Ao mesmo tempo, constatamos que existe um baixo percentual de estudantes oriundos da EJA dentro das universidades e diante dessa realidade nos propomos a tecer algumas considerações sobre os pontos que mais nos chamaram atenção ao longo de nossa caminhada para realizar essa pesquisa.

Ainda que jovens e adultos que interromperam a trajetória escolar no ensino regular tenham a possibilidade de concluir os estudos na Educação Básica através da EJA, existe uma lacuna quanto a continuidade dos estudos quando se fala no ingresso ao Ensino Superior. Nas

entrevistas, além do fator principal da pesquisa, muitas outras situações emergiram, dentre elas foram narradas as dificuldades que nossos colaboradores passaram durante sua trajetória de vida escolar e quais foram os principais estímulos que tiveram para continuar os estudos, suas inseguranças em relação ao ES, os desestímulos provindos das instituições de ensino, de alguns professores e a falta de ações direcionadas que convidassem esse estudante a conhecer o universo do Ensino Superior. Essas informações nos levam a considerar que existem muitos elementos que ora entram em confluência e ora são completamente divergentes quanto à percepção desses estudantes em relação ao Ensino Superior.

Dentro das narrativas dos nossos entrevistados, embora os motivos que os levaram a interromper os estudos regulares tenham sido bem diferentes, algo que se percebe em comum na fala dos dois estudantes é o fato de que a retomada da trajetória escolar se deu em consequência de suas buscas individuais e estímulo dos familiares. Da mesma forma, o ingresso à universidade não partiu essencialmente de ações de dentro das escolas, nem de iniciativas do corpo docente, mais uma vez foi o incentivo da família e de amigos que mais influenciou nessa decisão, confirmando a hipótese de que há uma lacuna entre essas etapas de ensino dentro das instituições. Vale ressaltar o fato dos documentos relacionados à EJA não mencionarem a inserção dos estudantes ao Ensino Superior, e sempre vincula-los ao mundo empregatício. Restringindo outras possibilidades e maneiras de ascensão.

Além de retomar as inquietações e tentar responder o objetivo central da nossa pesquisa, convidamos, em nossas considerações finais, o caro leitor a OLHAR ADIANTE, propomos aqui a pensar de maneira prospectiva.

Compreender a relação da EJA com o ES é uma das tarefas que precisamos incluir em nossas discussões dentro do universo da Educação, da Formação de Professores e dos Currículos em Licenciatura. Assim como entender a relação entre essas duas Etapas de Ensino e como que esse processo vem acontecendo, quais são as ações e movimentações governamentais existentes que aproximam essa relação. Pensar nas políticas de acesso e permanência dos estudantes no Ensino Superior, na formulação de currículos nos Cursos de Licenciatura que abarquem a Educação Popular, pensar em Programas de Extensões dentro das universidades que convide o discente em formação a conhecer os Centros de Educação de Jovens e Adultos e em maneiras de trazer os estudantes da EJA até à universidade, ou seja, articular ações que promovam a aproximação da EJA com o Ensino Superior.

Nesse sentido compartilho uma experiência vivenciada durante o processo de formação no Curso de Pedagogia que contribuiu bastante no direcionamento pesquisa para algumas respostas que buscávamos. No segundo semestre de 2022 durante a disciplina de Estágio

Supervisionado em Gestão da Educação em um CEJA no estado do Amazonas, realizamos uma atividade que tinha como objetivo analisar e diagnosticar o trabalho escolar dentro dos preceitos da Gestão Democrática, e por fim, promover um Plano de Ação que estivesse de acordo ao nosso diagnóstico.

Foi uma grande sorte poder planejar uma ação que envolvia justamente o cerne da pesquisa que estávamos desenvolvendo. O grupo do qual fazíamos parte, supervisionado pela Profa. Dra. Edla Rodrigues, desenvolveu um Plano de Ação pensado para estudantes do 3º segmento da EJA, que equivale ao 3º ano do Ensino Médio Regular. A ação tinha como principal objetivo incentiva-los para as perspectivas de desenvolvimento pessoal e o ingresso no Ensino Superior.

O Plano de Ação foi elaborado de acordo com as análises providas da nossa experiência dentro da escola concedente, um Centro de Educação de Jovens e Adultos, onde após muitas conversas com o gestor, identificamos as deficiências que a escola encontrava para planejar de que maneira poderíamos intervir em relação ao interesse dos alunos em dar continuidade dos estudos e, diante disso, foi decidido que poderíamos colaborar através da realização do Plano de Ação.

Em nossas observações percebemos certo desconhecimento e ausência de interesse por parte dos estudantes em dar continuidade aos estudos. Constatamos que muitos desses estudantes desconhecem a realidade de uma universidade, quais são suas chances de alcançar uma vaga, quais são as maneiras de ingressar ao Ensino Superior ou como a universidade pode contribuir com o caminho que eles já percorrem atualmente.

Os objetivos do Plano de Ação foram pautados nos seguintes pontos, contribuir com a superação da desmotivação dos estudantes em relação às suas perspectivas de futuro e promover o desenvolvimento pessoal, incentivando a continuidade dos estudos através do ingresso no Ensino Superior. Convidamos o Professor Paulo Ricardo Freire de Souza para ministrar uma palestra, considerando sua formação e sua experiência nas áreas e temáticas relacionadas ao objetivo do nosso plano, o outro convidado foi o Massimo Fernando Dantas, aluno egresso do CEJA – Professor Agenor Ferreira Lima o qual fez um “Relato de experiência” com o intuito de aproximar o discurso com a realidade dos estudantes, mostrando as possibilidades de ascensão social através da formação de nível superior.

O propósito das atividades foi de levar informações e orientações quanto ao caminho a ser percorrido até chegar à graduação. Compreendendo as necessidades e particularidades dos estudantes que fazem a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, foi escolhida uma atividade que prezasse o diálogo e o acolhimento desses estudantes, a fim de encoraja-los e

tivesse o conceito motivacional como forma de lembra-los e orienta-los sobre a importância da Educação na formação do cidadão.

Em paralelo planejamos materiais com o propósito de levar orientações quanto ao ingresso à graduação, elaboramos um folder informativo com orientações direcionadas (Figura 7), e dinâmicas de perguntas que estimulasse a criatividade e autoconfiança desses estudantes e por fim elaboramos um certificado de Aluno Motivado para entregar ao final da ação.

Figura 7 – Folder informativo com orientações para ingressar no ES

FORMAS DE ENTRAR NA FACULDADE:

- ENEM
- SISU
- PROUNI
- FIES
- BOLSA UNIVERSIDADE

DÚVIDAS FREQUENTES

O que é o ENEM?
O Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM é a principal forma de ingresso no ensino superior brasileiro, substituindo, em muitos casos, o vestibular.

ATENÇÃO!

O Enem não serve apenas como um vestibular, mas também é parte do processo seletivo para a aquisição de financiamento estudantil pelo **Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies)** e para o ingresso em faculdades públicas pelo **Sistema de Seleção Unificada (Sisu)**.

Quais faculdades que participam do Bolsa Universidade?
Faculdade Boas Novas; Ciesa; Esbam; Estácio do Amazonas; Faculdade Regional do Amazonas (FAM); Fаметro (unidades da Chapada, Cachoeirinha e zona Leste); Fucapi; Instituto Amazônia de Ensino Superior (IAES); Instituto Amazônico de Ensino Superior (IAMES); Idaam; Nilton Lins (Parque das Laranjeiras, Japiim e zona Leste); Faculdade Santa Tereza (Vieiralves e zona Norte); Ulbra; e Uninorte.

Para mais informações acesse:
<https://www.instagram.com/bolsauniversidade/>



Evento organizado pelos graduandos de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas, em colaboração com o Prof. Msc. Alvaro Calazans Belém e a Profa. Dra. Edla Cristina Rodrigues



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
EM COLABORAÇÃO COM O CEJA -
PROFESSOR AGENOR FERREIRA LIMA

O MUNDO PRECISA DO QUE VOCÊ TEM!

GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA INGRESSAR NO ENSINO SUPERIOR



Preparo e dedicação para ingressar na faculdade são duas das coisas mais importantes para entrar na universidade. Aqui você vai encontrar as várias formas de entrar no **ensino superior**.

Confira as dicas! →

Como se inscrever no Enem 2023?
A inscrição no Enem 2023 é feita totalmente online e realizada em poucos minutos.
ATENÇÃO! A inscrição deve ser realizada pelo site, entre o dia 5 de junho de 2023 até o dia 16 de junho de 2023.

Calendário do ENEM 2023

- Inscrições do Enem - 5/6 a 16/6/2023
- Pagamento da taxa de inscrição do Enem - 5/6 a 21/6/2023
- Solicitação de Atendimento Especializado e Tratamento pelo Nome Social - 5/6 a 16/6/2023
- Resultado da Solicitação de Atendimento Especializado e Tratamento pelo Nome Social - 26/6/2023
- Recurso da Solicitação de Atendimento Especializado e Tratamento pelo Nome Social - 26/6 a 30/6/2023
- Resultado do recurso a Solicitação de Atendimento Especializado e Tratamento pelo Nome Social - 5/7/2023
- Aplicação do Enem 2023 - 5 e 12/11/2023
- Divulgação do Gabarito do Enem 2023 - 24/11/2023
- Divulgação do resultado - 16/01/2024

Qual a taxa de inscrição para o Enem 2023?
O valor da taxa de inscrição do Enem 2023 é de **R\$ 85,00 e pode ser paga até dia 26 de junho de 2023.**

O que é o SISU?
É o Sistema de Seleção Unificada, é por meio dele que você consegue se inscrever no processo seletivo nos cursos de graduação.

Como me inscrever no SISU?
As inscrições serão efetuadas pela internet, no site: <http://sisu.mec.gov.br>

O que é PROUNI?
O PROUNI oferece bolsas de estudo para pessoas que desejam estudar em instituições de ensino superior privado. **Com o PROUNI, é possível conseguir bolsas de estudo parciais (50%) ou integrais (100%) até o fim do curso** - são destinadas a estudantes brasileiros de baixa renda e sem diploma de nível superior.

Quem faz EJA tem direito a cota?
Sim, as cotas no Enem são regulamentadas pela lei 12.711/2012.

O que é FIES?
O FIES oferece **financiamento estudantil**, para custear os gastos com o curso superior.
Para saber mais informações acesse:
<https://sisfiesportal.mec.gov.br/>

O que é Bolsa Universidade?
É um Programa Socioeducacional, com a finalidade de conceder bolsas de estudo Integrais (100%) e Parciais de 75% (setenta e cinco por cento) e 50% (cinquenta por cento) do valor das mensalidades dos cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes de baixa renda, comprovadamente sem condições de custear seus estudos, em **Instituições Particulares de Ensino Superior, estabelecidas na cidade de Manaus.**

Fonte: Folder construído pelo grupo de estagiários da disciplina de Estágio em Gestão da Educação (2023)

A seguir algumas imagens da Ação (Figura 8):

Figura 8 – Plano de Ação realizado no CEJA Professor Agenor Ferreira Lima



Fonte: Montagem criada pela autora/Acervo dos estagiários (2023)

Concluimos, portanto, que a EJA não precisa findar seus objetivos em apenas formar o educando para o mercado de trabalho, mas que também os incentive para as possibilidades que estão ao seu redor, inclusive o ingresso em uma universidade. É necessário ter em vista que a EJA proporcione uma educação com os preceitos emancipatórios, tendo a humanização como um elemento de superação dos condicionantes históricos, que possa tornar os estudantes sujeitos mais críticos e autônomos e que não estejam vinculados somente a um perfil empregatício, uma EJA que forme o sujeito para a cidadania e que os convide a pensar na continuidade dos seus estudos e no seu desenvolvimento pessoal como a base para a ascensão social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adálcio Carvalho de. **EGRESSOS DA EJA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EAD/FaPP/UEMG: Uma análise dos fatores motivacionais da interrupção e retomada das trajetórias escolares e a continuidade dos estudos em nível superior na EAD.** Belo Horizonte, 2016.

ARAÚJO, Ana Cláudia Silva Gomes; FARIAS, Rosenilda Rodrigues de Farias. **A inserção dos alunos advindos da educação de jovens e adultos no curso de Pedagogia da UFPB.** João Pessoa: UFPB, 2013.

ASSIS, Thiago Batista; BRIGNONI, Caroline Prado; PIRES, Luciene Lima de Assis Pires **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PARTICULARIDADES E DESAFIOS 2016.** Instituto Federal de Goiás, Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun. 2010.

BISINELLA, Patrícia Borges Gomes. **Trajetórias de Egressos da EJA na transição para o Ensino Superior: Um estudo a partir do PROUNI (Caxias do Sul 2005 – 2014).** Caxias do Sul, 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento referencial para implementação das diretrizes operacionais de EJA nos Estados, Municípios e Distrito Federal (livro eletrônico) Resolução CNE/CEB – Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2002.**

DA CRUZ, Neilton Castro. **“Esse ambiente não é para todo mundo”:** as condições de inserção e de permanência de egressos/as da EJA no ensino superior público. Belo Horizonte, 2016.

FRIEDRICH et.al. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. Ensaio: avaliação das políticas públicas educacionais.** Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2 Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de jovens e adultos.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.14, p.108-130, maio/ago. 2000.

KELLER, Lenir; BECKER, Elsbeth Léia Spode. **A trajetória da educação de jovens e adultos no brasil.** Revista EJA em Debate, Ano, 9 n. 5, jan-jun, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2777/pdf4>Acesso em: 15 jan. 2021

MARZOCHI, Andréa Souza. **Procedimentos metodológicos de pesquisa com jovens infratores: a importância da história oral.** RESGATE – VOL. XXI, 25/26 – JAN./DEZ. 2013 p. 97-102

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos.** *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1), 2011, p. 95-108.

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antônio Paulo Ferreira de. **Projeto de pesquisa – o que é? Como fazer?: Um guia para sua elaboração.** São Paulo: Olho d'Água, 2005.
Portal Regional da BVS. Bvsalud.org. Disponível em: <<https://bvsalud.org/>>. Acesso em: 8 jun. 2023.

REIS, S. M. A. O.; MUNIZ, R. J. **Passageiros da EJA para o Ensino Superior: quais trajetórias carregam em suas bagagens?** *Revista Eletrônica de Educação*, v.15, 1-20, e4585071, UNEB: Guanambi – BA jan./dez, 2021.

RUMMERT, S. M. **A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI: o "novo" que reitera antiga destituição de direitos.** *Revista de Ciências da Educação*, Lorena, SP, n. 2, p. 35-50, 2007. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f134/e2dcbeeb8785d0ae17de80fd889c00e84f32.pdf> Acesso em: 20.12.2022.

SANTOS, Geovania Lúcia dos. **Educação superior ainda que tardia: sentidos da formação e significados do diploma entre adultos com antecedentes escolares na EJA.** Belo Horizonte, UFMG, 2019.

SANTOS, J. I. dos; FEITOSA, S. C. **Implicações na Educação de Jovens e Adultos na história do Brasil: Uma revisão da literatura.** *Revista Interseção, [S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 87–99, 2021. DOI: 10.48178/interseção.v2i1.268. Disponível em: <https://periodicosuneal.emnuvens.com.br/intersecao/article/view/268>. Acesso em: 20 dez. 2022.

STRELHOW, Theyles Borcarte. **Vista do Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil | Revista HISTEDBR On-line.** n.38, p. 29-59, Campinas, 2010.
Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689/7256>>. Acesso em: 10 jun. 2023.